

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUIZ HENRIQUE MANGEON

A QUESTÃO DA (IN)DISCIPLINA NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO
ALEGRE PELA ÓTICA DOS FORMANDOS DE 1979

PORTO ALEGRE

2018

LUIZ HENRIQUE MANGEON

A QUESTÃO DA (IN)DISCIPLINA NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO
ALEGRE PELA ÓTICA DOS FORMANDOS DE 1979

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dra. Regina Weber

Porto Alegre

2018

A QUESTÃO DA (IN)DISCIPLINA NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO
ALEGRE PELA ÓTICA DOS FORMANDOS DE 1979

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Regina Weber (Orientadora) – UFRGS

Prof. Dr. Anderson Zalewisk Vargas – UFRGS

Prof. Dra. Patrícia Rodrigues Augusto Carra – Colégio Militar de Porto Alegre

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Durante a realização deste trabalho, muitas pessoas foram importantíssimas, para que o mesmo se realizasse a contento.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao professor Anderson Zalewisk Vargas que sugeriu e inspirou o objeto da presente pesquisa.

Gostaria também de agradecer à professora Regina Weber por todo incentivo, orientação, disponibilidade e paciência pelo longo período utilizado para a realização desta monografia.

Igualmente agradeço aos meus colegas de Colégio Militar, muitos que não via já há alguns anos, que se dispuseram a apresentar seus relatos e suas memórias sobre nosso tempo de escola.

Agradeço também aos professores Anderson Zalewisk Vargas e Patrícia Rodrigues Augusto Carra que aceitaram o convite para participarem da banca examinadora, tornando este trabalho melhor e, conluinte ainda mais experiente.

Por fim, e mais importante, agradeço à minha família pelo apoio que me deram ao longo desta jornada acadêmica, sem o qual com certeza nem teria se iniciado e muito menos concluído.

RESUMO

A presente monografia tem por finalidade apresentar uma análise sobre o comportamento de alunos Colégio Militar de Porto Alegre, durante os anos 1970, sob a ótica do que era caracterizado, à época, como “disciplina” ou “indisciplina”, e, mais especificamente, descrever analiticamente um grupo que se autodesignava Legião da Desonra. Esta análise foi realizada com suporte em entrevistas realizadas com alunos que estudaram naquela instituição de ensino, e que se formaram no ano de 1979.

Palavras-chave: indisciplina – Colégio Militar de Porto Alegre – Legião da Desonra

ABSTRACT

The present monograph aims to present an analysis of the behavior of students Military College of Porto Alegre, during the 1970s, under the view of what was characterized, at the time, as "discipline" or "indiscipline", and, more specifically, to describe analytically a group that called itself Legion of Dishonor. This analysis was carried out with support in interviews with students who studied in that educational institution, and who were formed in the year of 1979.

Keywords: indiscipline - Military College of Porto Alegre - Legion of Dishonor

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem Censurada Padrão	80
Figura 2: Aluno Geraldo Moraes de Souza	80
Figura 3: Aluno José Ricardo Contieri	80
Figura 4: Aluno Luiz Augusto Cristóvão	80
Figura 5: Aluno Nelson de Lorenzi Campelo	81
Figura 6: Aluno Paulo Renato Krug Santos	81
Figura 7: Aluno Rogério Saraiva Castanho	81
Figura 8: Aluno Wladimir Bezerra Demarco	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE	13
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
3 METODOLOGIA E FONTES DE PESQUISA	25
4 CONCEITOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS, NOÇÕES DE DISCIPLINA	29
4.1 A partir do referencial da Psicologia e Epistemologia Genética de Piaget	29
4.2 – A partir do conceito de Poder Disciplinar elaborado por Michel Foucault .	30
4.3 – A questão da indisciplina relacionada com a ausência do sentimento de vergonha	32
5 – A LEGIÃO DA DESONRA	35
5.1 – A Legião de Honra	35
5.2 – A Legião da Desonra e todo o processo da (in)disciplina	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
ANEXO A - LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015	77
ANEXO B - FOTOS CENSURADAS NA REVISTA HYLOEA – 79	80

INTRODUÇÃO

O tema escolhido tem muita importância para mim, pois estudei no Colégio Militar de Porto Alegre desde 1971, onde realizei o 4º e 5º anos do antigo “primário”, no Curso de Preparatório do Colégio Militar e, posteriormente ao concurso de admissão, estudei todos os anos dos antigos “ginásio” e “científico”¹, concluindo esta fase em 1979. Portanto estive inserido naquela instituição de ensino por nove anos, dos nove aos dezoito anos de idade.

O Colégio Militar de Porto Alegre é uma tradicional instituição de ensino de nossa cidade. Naquela época, como atualmente, as vagas eram preenchidas preferencialmente por filhos de militares e as restantes eram preenchidas por filhos de civis, de acordo com a classificação em um concurso público. Normalmente o número de vagas abertas para estudantes filhos de civis era muito pequena², todavia no ano de nossa aprovação no exame de admissão algo diferente aconteceu. Lembro-me que as mães dos alunos aprovados fizeram reuniões com o comando do Colégio Militar, e naquele ano foi permitido o ingresso de todos os alunos que haviam passado no exame de admissão, independentemente das vagas anteriormente estabelecidas. Nossa turma foi durante todo o curso escolar a que detinha o maior número de alunos, chegando a ter oito turmas numa mesma série. Prova disso é que em 1979 se formaram 154 alunos.

Quando comecei a estudar nesta instituição, recebi uma série de orientações sobre formas de agir e de se comportar, regras que deveriam ser obedecidas: cumprir os horários, levantar quando o professor entrasse em sala de aula, manter o uniforme limpo, a fivela do cinto brilhando, o coturno engraxado, e o cabelo cortado. Não estranhei muito estas regras, pois vinha de um Grupo Escolar que também tinha uniforme e onde também havíamos de cumprir os horários. A única regra que efetivamente me incomodava era o corte de cabelo. Nesta época estava na moda os meninos terem cabelos compridos, até os ombros, e o fato do meu ser bem curtinho foi objeto, do que hoje é denominado bullying, por meus amigos de

¹ Atualmente designados de Ensino Fundamental (primário e ginásio) e Ensino Médio (científico).

² Para o ano de 2016 foram abertas 30 vagas para ingresso no sexto ano do ensino fundamental e 05 para o primeiro ano do ensino médio (<https://www.aprovaconcursos.com.br/noticias/2015/08/13/exercito-abre-442-vagas-no-ensino-fundamental-e-medio-dos-colegios-militares/>, acesso em 05/06/2018), para o ano de 2017 foram abertas 35 foram abertas vagas para ingresso no sexto ano do ensino fundamental (<https://www.aprovaconcursos.com.br/noticias/2016/08/02/exercito-abre-415-vagas-nos-colegios-militares/>, acesso em 05/06/2018); e para o ao de 2018 foram abertas 35 vagas para ingresso no sexto ano do ensino fundamental (<http://www.concursosmilitares.com.br/concurso-colegio-militar/porto-alegre-rs/>, acesso em 05/06/2018).

fora da escola. Tive dois grandes amigos do primário que não se conformavam em ter que cortar o cabelo e acabaram por sair da escola, sem tentar o exame de admissão.

Mas o que eu achava mais engraçado era o fato de todos os meus amigos falarem todo o tempo sobre a rigidez que o colégio tinha. Apesar de eu dizer que era um colégio como qualquer outro, com algumas regras diferentes como o tipo de uniforme e obrigação de cortar o cabelo, ninguém acreditava nesta versão. Nem mesmo meus pais e nem os pais de meus amigos. Eles achavam que o colégio era rígido, que estudávamos demais, que não podíamos brincar, e que passávamos o tempo todo estudando e marchando. Por fim, que éramos tratados como pequenos soldados.

Como eu ainda penso de forma diferente em relação aos meus amigos e parentes, decidi fazer este trabalho de conclusão de curso, especificamente sobre o tema da (in)disciplina no Colégio Militar de Porto Alegre. Talvez todos tenham efetivamente razão e eu esteja equivocado. Talvez por ter ingressado muito jovem eu tenha sido moldado a seguir um rigorismo, que todos enxergavam e eu não. Mas isto é o que procuraremos descobrir ao término deste trabalho.

Este trabalho começa com a análise da Revista Hyloea, revista publicada anualmente pelos formandos do Colégio Militar, sendo que analisaremos a edição de 1979. Nesta revista cada aluno tem duas fotos. Na primeira o aluno apresenta-se com o uniforme de gala do colégio (e aparece somente o busto do aluno). Na segunda, cada aluno escolheu uma situação característica e particular para representar. Neste segundo tipo de fotografia verificamos que há 07 (sete) fotos censuradas – as fotos estão com um carimbo preto sobre elas, borrando totalmente as mesmas e impedindo as suas visualizações. Na Revista também verificamos que 9 (nove) alunos referem-se pertencer à “Legião da Desonra”, sendo que se denominaram como Presidente, Diretor de Esportes, Relações Públicas, Patrono e Idealizador, Sócio Fundador, e Diretor Cultural. Destes, dois tiveram suas fotos censuradas.

Nos breves dizeres junto as fotos, que apresentam algumas informações sobre os alunos, um deles inclusive refere que “É, como toda a “elite” do CM, pertencente a LD (legião da desonra)”. Encontramos também 02 (duas) fotos onde há alunos utilizando uma camiseta com os dizeres “legião da desonra”.

A partir destes dois pontos é que o trabalho todo se desenvolveu.

Procuramos analisar a questão da indisciplina no Colégio Militar sob a ótica dos alunos formandos do ano de 1979, para compreender de que maneira pôde, em uma estrutura

educacional com disciplina militar, surgir um grupo de alunos que se denominavam “Legião da Desonra”, quem eram essas pessoas, o motivo pelo qual surgiu este grupo, e a razão desta denominação. Para tanto foram realizadas 6 (seis) entrevistas com os alunos desta turma de 79, sendo que alguns pertenceram a denominada Legião da Desonra. Mais adiante, quando apresentada a Metodologia e Fontes de Pesquisa, serão fornecidos mais dados sobre as pesquisas efetuadas.

Durante a realização das entrevistas conseguimos uma versão da Revista Hyloea – 79 que havia escapado desta censura. Desta forma vamos poder revelar as fotos que foram vetadas – desvendando um mistério e solucionando uma grande curiosidade, que este autor tinha desde o tempo da formatura no CM – e que estavam escondidas sob carimbos, bem como apresentar o relato de como esta revista escapou do processo de censura.

O fato de ser aluno do Colégio Militar e pertencer também à Legião da Desonra, propiciou uma grande alegria na realização deste trabalho. Por um lado, por poder reencontrar e entrevistar colegas e amigos, que não vinha tendo um contato muito frequente, e por outro lado, por recordar histórias conhecidas e conhecer aspectos destas mesmas histórias, que eram por mim desconhecidos. Durante a realização das entrevistas foram também relatados aspectos sobre a escolha do nome da turma, questões de bullying e de assédio sexual³.

Acreditamos que nossa pesquisa se justifica válida por diversos aspectos. Primeiramente porque analisa a questão da indisciplina em uma instituição de ensino militar, sempre sob a ótica dos estudantes. Em segundo lugar, por revelarmos as imagens que foram censuradas na Revista Hyloea – 79, que eram desconhecidas pela quase totalidade dos alunos. Em terceiro por apresentamos uma série de relatos de pessoas que estudaram no CMPA, e se dispuseram a contar suas histórias e a lembrar fatos que foram marcantes em suas vidas.

Gostaria, todavia, de ressaltar que como o foco do presente trabalho foi desde o início a questão da indisciplina no Colégio Militar de Porto Alegre, as entrevistas foram direcionadas para este fim, e por consequência surgiram várias referências paralelas que demonstraram a existência de situações negativas que existiam àquela época, relacionadas à questão da indisciplina. Desta forma, de maneira alguma, este trabalho tem como objetivo desonrar a imagem do Colégio Militar, uma vez que estudei durante nove anos nessa instituição de ensino e conheço muito bem as suas virtudes e qualidades, que impregnaram de maneira indelével a minha alma e meu modo de ser.

³ Atualmente considera-se bullying quando é praticado entre iguais e assédio quando há alguma relação de hierarquia.

Por fim, gostaria de me desculpar com o leitor por apresentar longas citações referentes às entrevistas concedidas. Ocorre que se apresentasse tão somente os trechos que referendam as minhas observações, em muito se perderiam as intenções e os pontos de vistas apresentados pelos estudantes, sem dizer é claro, que em muito este trabalho perderia a sua graça, uma vez que as várias ações desenvolvidas pelos alunos como forma de enfrentamento, considero como muito divertidas.

No capítulo 1 faremos uma breve apresentação do Colégio Militar de Porto Alegre, no capítulo 2 será apresentada a revisão bibliográfica, no capítulo seguinte falaremos sobre as fontes históricas e as fontes primárias que foram utilizadas para a realização deste trabalho, no capítulo 4 apresentaremos uma discussão sobre a questão da disciplina, sob a visão de três autores, em seguida apresentaremos a questão propriamente dita deste trabalho, a indisciplina no Colégio Militar de Porto Alegre, dando ênfase a um grupo que na época se denominava Legião da Desonra, e por fim, as considerações finais.

1 – O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

O Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) foi criado pelo Decreto nº 9.397, de 28 de fevereiro de 1912, pelo Presidente Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. Seu funcionamento foi exclusivo para alunos, até o ingresso de alunas no ano de 1989.

Várias instituições de ensino funcionaram no prédio do CMPA, localizado na Avenida José Bonifácio: a Escola Militar da Província do RS (1883-88), a Escola Militar do Rio Grande do Sul (1889-1898), a Escola Preparatória e de Tática (1898 e 1903-05), a Escola de Guerra (1906-11), o Colégio Militar de Porto Alegre (1912-1938), a Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-61) e, novamente, o Colégio Militar de Porto Alegre, desde 1962.

O Colégio Militar de Porto Alegre é uma tradicional escola do Estado e é, reconhecida pela sua excelência na formação acadêmica dos alunos. Estes sempre tiveram facilidade para ingressar nas principais universidades e escolas militares do País. Atualmente seus formandos têm o mais alto índice percentual de aprovação no vestibular da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul dentre as escolas gaúchas (42% em 2005, 44% em 2006, 44,79% em 2007, 61,11% em 2008, 48,70% em 2009 e 57,45% em 2010); e há vários anos, é uma das poucas escolas gaúchas a aprovar alunos para o Instituto Militar de Engenharia (IME), para o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), para a Academia da Força Aérea (AFA) e para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM).⁴

Na década de 70, seu corpo docente era constituído, em grande maioria, por militares, poucos eram os professores civis, e professoras somente na Escola Preparatória. Era notória a necessidade de o aluno estudar muito para poder passar de ano. Além disto, havia o receio da expulsão, pois era somente permitida uma reprovação no ginásio e uma no científico. E rodava-se com facilidade, pois a exigência era muito grande. Nos dias de hoje, o Colégio possui cento e vinte professores, dos quais setenta e cinco são civis concursados e quarenta e cinco são militares⁵.

Tradicionalmente, o CMPA inicia seu ano escolar com cerca de 1100 alunos, sendo que, via de regra, aproximadamente 57% deles são meninos e 43% são meninas. O ingresso se dá no 6º Ano do Ensino Fundamental e no 1º Ano do Ensino Médio, através de concurso público aberto a toda a população. Em face do caráter assistencial da norma legal que rege todo o Sistema Colégio Militar do Brasil, os militares transferidos para a sua área de

⁴ Fonte: <http://www.cmpa.eb.mil.br/sobre-o-cmpa>, acesso em 05/06/2018.

⁵ Fonte: <http://www.cmpa.eb.mil.br/sobre-o-cmpa>, acesso em 05/06/2018.

abrangência têm direito a pleitear matrícula direta para seus dependentes, submetendo-se, porém, à existência de vagas.

Segundo informado pelo site do Colégio, pelas arcadas do Colégio Militar passaram como alunos, oficiais ou praças vários personagens da nossa história: João José Pereira Parobé, professor da Escola Militar do RS, Deputado Estadual e Secretário de Obras do RS, esteve diretamente ligado à fundação da Escola de Engenharia em 1896, precursora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde foi diretor por dezessete anos, além de fundador do Colégio Júlio de Castilhos, da escola técnica que leva hoje o seu nome e de vários dos institutos da atual UFRGS. De maneira semelhante, o primeiro reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), além de diretor da Faculdade de Direito da UFRGS e reitor da mesma universidade, Armando Pereira da Câmara, também foi aluno do CMPA. Outro aluno e professor da Escola Militar, o 1º Tenente Otávio Francisco da Rocha, se destacou na administração pública como intendente de Porto Alegre, sendo dele os primeiros trabalhos de urbanização do Parque Farroupilha. Além destes, passaram também por esta instituição os ex-presidentes Getúlio Dornelles Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista de Oliveira Figueiredo, o que fez com que o colégio também fosse conhecido como "Colégio dos Presidentes", além de um primeiro-ministro (Francisco de Paula Brochado da Rocha), um vice-presidente (Adalberto Pereira dos Santos), vários heróis militares brasileiros (Mal. Câmara, Cel. Plácido de Castro, Mal. Mascarenhas de Moraes, Gen. Góes Monteiro, Mal João N. M. Mallet e outros), além é claro de personalidades de destaque na vida civil, como o poeta Mário Quintana, o artista plástico Vasco Prado, o escritor e advogado Darcy Pereira de Azambuja, o ex-reitor da UFRGS José Carlos Ferraz Hennemann, o presidente da Intel/Brasil Oscar Vaz Clarke e o vice-presidente mundial do Google Néelson Mendonça Mattos, além de outras destacadas personalidades.⁶

Um outro ex-aluno, que não é mencionado no site da escola, foi o Capitão Carlos Lamarca, militar e guerrilheiro brasileiro, um dos líderes da luta armada contra a ditadura militar instaurada no país em 1964. O capitão do Exército Brasileiro desertou em 1969, tornando-se um dos comandantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organização da guerrilha armada de extrema-esquerda que combatia o regime. Em 1996, o comandante do Colégio Militar ordenou a eliminação dos registros da passagem de Carlos Lamarca pela escola, na década de 50. O nome de Lamarca foi tapado na placa da turma de formandos de

⁶ Fonte: <http://www.cmpa.eb.mil.br/sobre-o-cmpa>, acesso em 05/06/2018.

1957, exposta no colégio, sendo aplicada uma plaqueta de metal sobre o nome dele. Além disto, as fichas do ex-aluno, que estudou no colégio de 1955 a 1957, foram queimadas⁷. Posteriormente, o nome deste oficial foi repostado na placa de sua turma.

Pesquisando as Revistas Hyloea desde o ano de 1973, verificamos que o Serviço de Orientação Educacional aparece referido a partir do ano de 1976, sem que referisse fazer qualquer serviço de acompanhamento pedagógico junto aos alunos que estavam em detenção escolar (punição). Reproduzimos parte do texto apresentado na citada revista:

O SOE oferece ao aluno condições de, reconhecer as suas aptidões e limitações, ajustar-se a vida escolar, atingir seu equilíbrio pessoal em todos os planos da vida, de integrar-se na comunidade e de auto conceituar-se.

A atuação do SOE é dinâmica e atua em todos os setores da esfera educativa através da pesquisa de aspirações do planejamento e da execução de programas de Orientação.

No corrente ano foram as seguintes as principais atividades deste Serviço do Colégio: - Integração de novos alunos – Acompanhamento do rendimento escolar – Aconselhamento de alunos com problemas de aprendizagem escolar – Promoção de atividades Extra-Classe – Direção dos Clubes de Xadrez, - Radioamadorismo, Mecânica – automóvel, Jornalismo, Iniciação artística, Música e Judô – Estimular candidatos a carreira Militar – Dirigir a Matéria de Iniciação ao Trabalho – Auxiliar o aluno na escolha de sua profissão – Estabelecer o Plano de visitas a Organização Empresariais – Coordenar as atividades sociais, esportivas e culturais. (Hyloea – 1976, p. 14)

Nesta pequena apresentação do CMPA consegue-se perceber que o colégio se vangloria pela passagem de alunos que vieram a destacar-se na sociedade brasileira. Veremos, posteriormente, que isto é utilizado como discurso de legitimação para convencer o aluno a ser conduzido, e a participar da comunidade escolar.

⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/10/03/brasil/11.html>, acesso em 05/06/2018.

2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para fazermos a presente revisão bibliográfica realizamos várias buscas na internet a procura de trabalhos que tivessem como foco específico o Colégio Militar de Porto Alegre, além de buscas em bibliotecas que apresentassem textos relacionados ao objeto do presente trabalho. Fomos agraciados por encontrarmos cinco trabalhos que tratavam especificamente sobre o CMPA sob os mais diversos aspectos, mas sempre houve alguma referência à questão da disciplina ou da indisciplina nos mesmos.

Patrícia Rodrigues Augusto Carra trata em sua dissertação de mestrado sobre cultura escolar do Colégio Militar de Porto Alegre durante o período de 1962 a 1990 a partir da memória de ex-alunos. Seu estudo apresenta, entre outros, os aspectos da cultura e organização escolar do colégio enquanto instituição de ensino masculina, o cotidiano pela ótica discente e infere o perfil de sujeito que a escola desejava formar, procurando não cair na armadilha de considerar a existência de um único modelo de masculinidade. Também, lança luz aos sujeitos discentes e suas formas de compreender, conviver e significar o ambiente escolar.

Especificamente à questão da disciplina esta autora apresenta algumas passagens que relatam o excesso de controle por parte dos instrutores, conforme abaixo reproduzido:

Por vezes, era complicado manter o silêncio e esperar o fim da formatura para contar alguma novidade ao colega do lado, escapavam sussurros, risos abafados. Em outras ocasiões, era penoso ficar quieto e era, inevitável, o ajeitar o corpo. Em todos os momentos sabiam-se vigiados. Os olhos e ouvidos dos sargentos e oficiais instrutores pareciam “tudo ver, tudo ouvir” (CARRA, 2008, p. 87).

E mais adiante, quanto cita Dallabrida (2001, p.186), que trata sobre a disciplina e a vigilância em uma escola jesuíta, tece algumas reflexões aplicáveis à realidade do CMPA (CARRA, 2008, p. 87):

o olhar sobre todos e cada um dos alunos procurava ver todas as suas atitudes em todos os espaços do colégio, como as salas de aula e os pátios, bem como fora dele, nos diversos lugares da cidade. Mesmo que não houvesse o olho de um professor ou inspetor, os alunos deveriam viver sempre com a expectativa da vigilância permanente [...].

Quando trata sobre os professores, que em sua maioria eram militares, apresenta que eles eram lembrados como rígidos e tradicionais na forma de ensinar e avaliar, mas as pessoas que foram entrevistadas na época atribuem aos professores civis uma maior tolerância com a indisciplina e/ou brincadeiras durante o período de aula. (CARRA, 2008, p. 90):

A história era do tempo que o professor falava 45 minutos (LUCANO). Nós tínhamos o Coronel que dava história, esse era o cão em nosso olhar de aluno porque ele chegava na sala, escrevia o objetivo da aula no quadro, sentava e não admitia sequer um papel de anotação sobre a mesa e nos contava a história como tinha ocorrido. Ele só admitia postura correta (BETO). Professor civil nós tínhamos um auxiliar de laboratório, cujo apelido era _____. E era a oportunidade que nós tínhamos de extravasar um pouco porque ele era civil e os professores militares eram extremamente rígidos (BETO).

A autora também apresenta que muitos alunos não gostavam de estudar no colégio. Os colaboradores da pesquisa afirmaram que as razões apontadas eram: disciplina, corte de cabelo, grau de dificuldade nas avaliações e a falta de apoio ao aluno que tivesse alguma dificuldade cognitiva. Os alunos internos acrescentaram a distância da família e o ambiente inicial, que é lembrado como hostil devido ao hábito do trote (CARRA, 2008, p. 92).

Por sua vez, Carra, em artigo escrito para o IX ANPED SUL, em 2012 apresenta conclusões de pesquisa acerca do ingresso das primeiras meninas na qualidade de alunas nesta escola (1989 e 1990). A autora apresenta que o ingresso das primeiras professoras (1982) representou um espaço de grande tensão no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), mas sem alterar o funcionamento da escola; todavia, o ingresso de meninas, a partir de 1989, provocaram alterações, ainda que pequenas, nos espaços escolares, nas relações aluno/professor, nas atividades, nos uniformes. Na imaginação de muitos, as meninas provocariam a descaracterização do educandário e a queda do nível de ensino no colégio militar. A razão atribuída para a permissão ao ingresso de meninas na qualidade de alunas teria sido à pressão de militares, pais de meninas, que desejavam possibilitar para as suas filhas um ensino de boa qualidade a um custo acessível. O fato de haver meninas no Colégio ocasionou que mais mulheres viessem a trabalhar na instituição, pois houve a necessidade de monitoras e professoras de Educação Física, uma vez que as meninas, assim como os meninos necessitavam de constantes olhos e acompanhamento. As meninas, como alunas, não provocaram alteração nos modos de ação interna e de organização do Colégio Militar de Porto Alegre, todavia, os modos de ver e tratar o aluno já estavam sofrendo alteração quando estas

ingressaram. Durante a década de 60, os garotos eram vistos e tratados como pequenos soldados, mas esta forma de visão passou a sofrer modificações a partir dos anos 80. Segunda a autora, as meninas reagiram ao ambiente escolar encontrado, sendo, algumas vezes, capturadas pelo discurso e ordem circulante e, outras, assim como os meninos, transgressoras. A autora acaba por concluir que embora meninos e meninas estudem juntos na escola, isto não é sinônimo de coeducação, embora seja impossível atingir a coeducação seja de gênero, seja de gerações, sem a convivência e, neste sentido, a escola mista pode representar o início de um processo que acabará por resultar na coeducação.

Já em sua tese de doutorado, Carra continua pesquisando sobre o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), a partir de 1989, ano que o colégio passou a aceitar meninas em corpo discente, até o ano de 2013. A investigação analisa o processo de aceite de mulheres como alunas a partir do entendimento da coeducação enquanto práxis e política educacional comprometida com a superação do sexismo, visando relações de gênero igualitárias.

Quando trata do fardamento e da apresentação pessoal, apresenta um discurso do comandante do CMPA ressaltando que o:

Uniforme que a todos iguala, não importando a origem, a classe social, o credo religioso ou qualquer outro fator diferente do desempenho do Colégio. Assim, os alunos passam a se destacar apenas pelo que verdadeiramente são, e não pelo que vestem ou ostentam (COMANDANTE CMPA, 09/03/2013, citado por CARRA, 2014, p. 116).

Todavia, apresenta que apesar de ser um discurso de ideal de neutralidade, paradoxalmente ele contradiz-se no próprio objeto, uma vez que o uniforme é portador de marcas intencionais que podem levar a uma intenção transgressiva por parte dos alunos. Além disto, a autora cita que apesar do rigor, subjetividades aparecem, e transgressões não deixam de acontecer apesar do olhar institucional estar atento, o “olhar panóptico de longo alcance não é uma novidade, assim como não são as resistências”. Para os meninos, a regra mais reclamada é a que regula o controle do corte do cabelo (CARRA, 2014, p. 120), sendo a grande preocupação dos alunos e a fonte de aborrecimentos e transgressões. Carra também apresenta algumas marcas transgressivas feitas com humor em postagens do *Facebook*, que seriam uma forma de resistência à padronização, que às vezes podem ser sutis vitórias sobre questões subjetivas como: uma boina utilizada um pouco mais caída, uma barra de vestido mais curta ou mais comprida, uma calça mais folgada, um adereço que não deveria existir, unhas pintadas, não utilizar a boina quando deveria. Por sua vez, quando trata especificamente sobre a rigidez e a disciplina, apresenta que durante a década de 80 houve uma suavização do

ambiente escolar em relação à cobrança disciplinar e a certos tratamentos em relação aos discentes por orientação Diretoria de Ensino, que regulava os colégios militares brasileiros.

Josaine de Moura Pinheiro, em sua tese de doutorado, analisa as estratégias e táticas de governo postas em funcionamento no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), cujos alunos vêm se destacando na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas e ocupando a posição de “novos talentos” em matemática. Apresenta como aportes teóricos que sustentam a investigação as teorizações de Michel Foucault, principalmente àquelas desenvolvidas em suas obras *Vigiar e Punir*, *Nascimento da Biopolítica*, *Segurança, Território e População* e *Do Governo dos Vivos*. Em seu trabalho há uma profunda análise da questão da disciplina no CMPA, que está diretamente vinculada com a realização deste trabalho.

Pinheiro apresenta que historicamente a escola decorre de uma demanda social como um local onde se educa, retirando o sujeito de seu estado de selvageria e conduzindo-o à civilidade por meio da escolarização. É um lugar que se inventou e que inventa práticas discursivas e não-discursivas que subjetivam sujeitos a serem de um determinado “tipo”. Marcada pela disciplina, que objetiva corpos e subjetiva almas, a escola cria táticas e estratégias para conduzir sujeitos, buscando uma maior produtividade do tempo. Na instituição escolar, relações entre o dizível (práticas discursivas que estão presentes nos documentos) e o visível (práticas discursivas que se escrevem no aluno, por táticas e estratégias de subjetivação) constituem a maquinaria que forja alunos. Apresentando a historicidade da escola, a autora apresenta que desde a Idade Média existiam escolas, frequentadas inicialmente apenas por um número pequeno de sacerdotes, que discutiam seus conhecimentos sem qualquer preocupação com o alargamento de seus saberes, cumprimento de horários predeterminados e lugar definido para ser ocupado pelos indivíduos, uma vez que os alunos, com idade em torno dos seis anos, já eram vistos como um deles, não havendo a necessidade de um lugar específico para ensiná-los. Por volta do século XVII, surge uma nova maneira de apresentar a criança como indivíduo, que começava a ser inventado como um sujeito que pertencia a uma categoria desconhecida até a Idade Média, ou seja, a criança passa a pertencer a um período de vida que se chama infância (PINHEIRO, 2014, p. 38). Os indivíduos que participam dessa infância passaram a receber maiores cuidados, não podendo ser colocados junto aos adultos para aprender o que era necessário para a vida. Da mesma forma, não poderiam aprender os ensinamentos de qualquer maneira, sendo, portanto, necessária a criação de um outro indivíduo que pudesse conduzi-lo, não sendo, porém, uma outra criança, mas sim um adulto. A escola pública, obrigatória e gratuita é uma invenção da

Modernidade, ou seja, algo atual, cujo aparecimento se situa no século XVII, tendo por objetivos civilizar o indivíduo e de modo severo e disciplinador, provocar nos seus alunos o costume de pensar por si mesmos. A escola é uma instituição disciplinadora que busca atuar sobre os corpos, mas permitir que os alunos estejam aptos a deixar-se regular e conduzir.

Ao tratar do CMPA, a autora apresenta que ele é administrado pelo Exército, uma instituição de caráter marcadamente hierárquico e disciplinar, onde a valoração da disciplina e da competição são naturalizadas, sendo a competitividade visível no desempenho conquistado pelos colégios nas avaliações, e não sendo objeto de questionamentos, uma vez que tomadas como qualificantes na formação dos estudantes daquela instituição. A busca pelo “desempenho acadêmico superior” e pela “disciplina” foi buscado no ensino jesuíta, no qual a individualização do aluno era necessária para obter-se a obediência. Segundo apresentado pela autora, “*obedecer às regras estipuladas pelo regulamento escolar era a condição mínima exigida para que o aluno se tornasse capaz de possuir o “conhecimento” e ter um “melhor” desempenho se destacando entre seus colegas*” (PINHEIRO, 2014, p. 121). Especificamente quanto ao CMPA, a autora considera que há uma aproximação do ensino jesuíta pelo menos em dois aspectos: a hierarquia e a disciplina.

Em relação ao primeiro, os alunos do CMPA são diferenciados de acordo com as notas que conquistam, recebendo em seu uniforme a marca dessa diferença e na posição que ocupam frente ao ano que pertencem nas formaturas que ocorrem semanalmente, enquanto que no ensino jesuíta essa diferenciação era feita em relação à posição que o aluno ocupava em sala de aula, alunos “mais adiantados” sentavam nas primeiras classes. Já em relação à disciplina, o CMPA possui uma vigilância e regras direcionadas a premiações e sanções das atitudes de seus alunos que marcam a importância que esse aspecto possui para a instituição (PINHEIRO, 2014, p. 121).

A autora também apresenta que os alunos são vistos como devendo ser normatizados pela norma, desta forma, como primeiro passo, haveria o disciplinamento dos corpos, pois estes seriam facilmente moldáveis, treináveis e manipuláveis. O uso do uniforme, uma série de regras de comportamentos, a forma do corte do cabelo e uma série de proibições procuram cercar os alunos para o maior número possível de imprevistos, “não buscando um sentido, mas precavendo-se de possíveis linhas de fuga que poderiam ser adotadas pelos alunos, dificultando a normalização desses sujeitos” (PINHEIRO, 2014, P. 137).

Todavia, toda esta normatização terá eficiência se os alunos deixarem-se conduzir pela norma:

Todas essas regras sobre como o aluno e a aluna devem usar o uniforme, portar-se ao utilizá-lo, o que deve e não deve utilizar com ele ou ela ou, ainda, como ser “aluno e aluna do CMPA” somente são eficientes se o

sujeito deixar-se conduzir para a norma ou for convencido de que o que ele quer é ser conduzido a fazer parte dessa comunidade escolar que prescreve uma norma, na qual todo aluno deve buscar inserir-se (PINHEIRO, 2014, p. 139).

E para convencer o aluno a ser conduzido e a participar desta comunidade escolar o Colégio utiliza-se de um discurso de legitimação:

O aluno do CMPA encontra-se emaranhado em uma rede discursiva que ressalta as vantagens de o sujeito fazer parte do Colégio, destacando que nessa instituição “se forjam” líderes e pessoas de destaque da sociedade em várias áreas. Isso legitima que o modo como o Colégio conduz a formação de seus alunos é uma “fórmula de sucesso”, o que é visível pelo “sucesso” alcançado por sujeitos que estudaram e estudam nessa instituição de ensino (PINHEIRO, 2014, p. 140).

Desta forma, segundo a autora o Colégio Militar,

se utiliza de sua posição de colégio de excelência para reinventar-se como um lugar constituído por sujeitos parecidos na maneira de portar-se (posturas e ações) e de pensar (objetivos, princípios), onde cada sujeito pode, mediante seus esforços, conquistar seu lugar nessa instituição e com isso participar de um grupo seletivo de alunos.

[...] O CMPA como instituição escolar e, portanto, disciplinar utiliza-se do desconforto causado, em muitos indivíduos, pelas incertezas desses novos tempos e se reinventa como um colégio que realiza escolhas em relação à formação de seus alunos, “forjando” sujeitos que “sabem” como se portar frente à quantidade de mudanças que poderão vir a ocorrer. Mesmo em um mundo “incontrolável”, esta instituição disciplinar e ordenada, parece ter encontrado um modo de amenizar suas diferenças com o mundo contemporâneo e incerto, por formar sujeitos que conseguem obter “sucesso” nas escolhas que realizam (PINHEIRO, 2014, p. 141).

Por sua vez, Elisabeth Sumbercki Weiss, na sua dissertação de mestrado, procura analisar o desempenho dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre no concurso de vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e no concurso de admissão à Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), através da investigação dos mecanismos disciplinares presentes no CMPA, e sua influência no desempenho dos alunos nestes concursos. Para tanto, analisou os resultados obtidos pelos egressos do CMPA no concurso de vestibular da UFRGS do ano de 2007 até 2016, o desempenho dos alunos no concurso da EsPECx no período de 2012 até 2015, utilizando-se como metodologia a abordagem qualitativa, com o propósito de relacionar o alto índice de desempenho nos exames de língua inglesa dos alunos do CMPA nestes concursos aos mecanismos disciplinares e às rotinas de sala de aula, que parecem ser determinantes no processo ensino-aprendizagem de L2.

Segundo apresentado por esta autora, especificamente quanto ao aspecto disciplinar, o ensino militar no Brasil teria por objetivo o disciplinamento de todo o corpo militar, pois mesmo dentro da instituição havia resistência entre os membros em se submeterem às ordens, à disciplina e à hierarquia militar (WEISS, 2016, p. 43). Desta forma, o ensino seria um meio para moldar os indisciplinados, além de apresentar caminhos para a reorganização da própria instituição. O ensino, portanto, seguiria normas e regras específicas, bem como definiria papéis, baseadas na estrutura militar. Além disto, através da educação haveria a socialização de uma jovem geração, onde as crianças seriam preparadas para a sua própria existência, sendo este, um processo exercido pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estariam maduras para a vida social. Então, segundo apresentado pela autora, os militares, enquanto instituição, definiram uma educação específica, que seria transmitida aos oficiais, com base nos princípios, valores e tradições militares. Mas não bastaria disciplinar a elite militar dentro das regras e normas da organização, seria também necessário formar a nova geração. Desta maneira, as escolas e colégios militares surgiram como espaço específico para esse disciplinamento, onde a hierarquia é fundamental nesta estrutura organizacional. A hierarquia, traduzida pela autoridade distribuída em níveis pré-estabelecidos, e a disciplina são essenciais para a manutenção da ordem.

Segundo apresentado pela autora, a hierarquia militar é utilizada nos estabelecimentos de ensino e funciona como estímulo para desenvolver e aprimorar o rendimento dos alunos. Por sua vez a disciplina é um processo de controle rigoroso onde se procura evitar qualquer tipo de conduta desviante.

Os níveis hierárquicos da corporação são utilizados também pelo ensino militar, o que leva os alunos a serem reconhecidos, dentro de seus estabelecimentos educacionais, com base no mesmo princípio. A ascensão hierárquica nos estabelecimentos de ensino funciona como incentivo entre os alunos, pois alcançar patentes cada vez mais altas evidencia o desempenho geral do aluno no batalhão escolar, dando-lhe destaque durante as datas comemorativas e cerimônias, conhecidos como alunos graduados. Esse poder disciplinar não procura reter as forças, mas sim interligá-las, multiplicá-las e utilizá-las, sua consolidação utiliza-se dessa vigilância hierárquica e outros meios como o de punição. Por definição, o ato de punir significa uma ação no ambiente que tem como propriedade a interrupção imediata do comportamento inadequado, [...] Esse controle rigoroso, aliado a outras regulamentações, forma um sistema punitivo, composto por dispositivos disciplinares que fazem funcionar normas gerais da educação. A transgressão disciplinar é uma infração culpável. O aluno do colégio militar deve observar dois preceitos fundamentais: a hierarquia e a disciplina (WEISS, 2016, p. 44).

Por fim, para os objetivos desta pesquisa, consideramos oportuno também comentar um autor identificado com os estudos culturais e que tematizou a “cultura contraescolar”. O livro de Paul Willis – Aprendendo a ser trabalhador – surgiu de um projeto de pesquisa realizado entre 1972 e 1975 sobre a transição da escola para o trabalho de jovens do sexo masculino, de classe operária, que cursavam um currículo secundário não acadêmico, na Inglaterra. No método de pesquisa foram utilizados estudos de caso, entrevistas, discussões de grupo e observação participante.

Paul Willis constata a existência de uma óbvia e explícita cultura contraescolar, com uma oposição cerrada à autoridade, com uma aparente inversão dos valores usuais mantidos pela autoridade por parte de alguns alunos (WILLIS, 1991, p. 23 e 24). Mas também encontra um outro grupo de alunos, denominados de conformistas ou cê-dê-efes, que apresentam uma orientação visivelmente diferente, não pelo fato deles apoiarem os professores, mas pelo fato deles apoiarem a própria ideia de professor. Estes alunos estariam sempre “ouvindo, nunca fazendo: nunca movidos por sua própria vida interna, mas sempre amorfos, numa posição de recepção rígida” e em decorrência disto eram vistos como inferiores e sujeitos de brincadeiras e diversão pelo primeiro grupo (WILLIS, 1991, p. 27).

Para Willis, a oposição aos professores e a clara separação em relação aos cê-dê-efes se daria pelo comportamento, mas se concretizaria através de discursos estilísticos / simbólicos, centrados na roupa, no cigarro e no álcool. Os primeiros sinais de resistência se dariam pela forma de vestir e de pentear, cabelos logos, sapatos tipo plataforma, camisas com grande gola branca dobrada, calças boca de sino.

Não é por acaso que no momento boa parte do conflito entre professores e estudantes se dá em relação ao vestir-se. Para quem vê de fora, isto pode parecer tolo. Os professores e os garotos envolvidos, entretanto, sabem que este é um de seus terrenos escolhidos para a luta com respeito à autoridade (WILLIS, 1991, p. 31).

A questão da bebida também é relatada pelo autor como uma forma autoconsciente e simbólica de oposição à escola, sendo de máxima importância que o “último almoço de seu último ano seja feito num pub, e que o máximo possível de álcool seja consumido” (WILLIS, 1991, p. 34) “e a bebedeira tem de ser feita no horário do almoço e em desafio às normas da escola” não sendo um mero ritual, mas sim para marcar uma rejeição e uma ruptura definitiva (WILLIS, 1991, p. 36).

De alguma forma, eles derrotaram finalmente a escola de um modo que está além do alcance dos cê-dê-efes e que torna praticamente impossível uma reação por parte dos professores e da direção. (WILLIS, 1991, p. 36).

[...] Não importando quais sejam as ameaças e apesar do medo da lei, todo o episódio “vale a pena” para os “rapazes”. É o episódio escolar mais frequentemente repetido, floreado e exagerado ... (WILLIS, 1991, p.36)

Willis observa algo que pode ser entendido como um exemplo clássico da oposição entre o formal e o informal. A escola, com suas estruturas, normas e prática pedagógicas, hierarquia e autoridade representam a zona do formal. É nesta zona que os cê-dê-efes, “em troca de certa perda de autonomia, apostam e esperam que os guardiões oficiais mantenham o respeito às regras” (WILLIS, 1991, p. 37). Fora da estrutura formal há a chamada zona informal. Ela, que não detém nenhum tipo de estrutura física, ou hierarquias reconhecidas, para funcionar precisa ter a sua própria base material, sua própria infraestrutura, que é dada pelo grupo social. “O grupo informal é a unidade básica dessa cultura, a fonte fundamental e elementar de sua resistência” (WILLIS, 1991, fl.37). Este grupo social é que torna possível todos os demais elementos da cultura, e “sua presença distingue de forma clara os “rapazes” dos “cê-dê-efes”” (WILLIS, 1991, p. 37).

Outra situação muito importante apresentada por Willis é o tabu universal existente nos grupos informais quanto a passar informações incriminadoras dos companheiros àqueles de detêm o poder. Para o autor, “a delação infringe a essência da natureza informal do grupo: a manutenção de significados de oposição contra a penetração daquilo que se considera “a regra” (WILLIS, 1991, p.38).

Se por seu lado os alunos chamam de “dedurar”, os professores chamam de “dizer a verdade”, sendo que a verdade seria um complemento formal de dedurar, pois somente fazendo alguém dedurar, forçando-o a romper com esta importante regra, é que a primazia da organização formal poderia ser mantida.

Trata-se de uma luta atávica em torno da autoridade e da legitimidade da autoridade. A escola tem que ganhar, e alguém, ao fim e ao cabo, tem que “dedurar”: esta é uma das formas pelas quais a própria escola é reproduzida e a fé dos cê-dê-efes restaurada. (WILLIS, 1991, p. 40)

3 – METODOLOGIA E FONTES DE PESQUISA

O presente trabalho está baseado, predominantemente, em narrativas de seis ex-alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, que se formaram na turma de 1979. Estes alunos ingressaram no Curso de Preparatório do Colégio Militar de Porto Alegre no 4^a ano do antigo primário, em 1971. Este Curso Preparatório se realizava no turno da tarde, e era em tudo similar ao próprio Colégio Militar. Para diferenciar seus alunos, o uniforme apresentava faixas, boinas e insígnias na cor azul, enquanto que no uniforme dos alunos do CMPA estes adereços eram na cor vermelha.

Ao final do 5^o ano, estes alunos realizaram o exame de admissão ao CMPA, ingressando na 5^a série do 1^o Grau. Foi como se tivessem repetido um ano, pois nos outros colégios os alunos passaram do 5^o ano para a 6^a série. No CMPA estudaram todo o 1^o Grau, ainda denominado como Ginásio (5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries) e o 2^o Grau, também denominado científico (1^o, 2^o e 3^o anos). Portanto, os entrevistados estudaram neste colégio durante nove anos, de 1971 a 1979.

Por duas vezes visitei o Colégio Militar com o objetivo de obter alguns documentos que auxiliassem na elaboração do presente trabalho. Perquiri sobre as Ordens do Dia, que eram lidas nas formaturas⁸ das segundas-feiras e que havia uma 4^a Parte denominada Justiça e Disciplina, onde eram narradas as punições dos alunos, e também por processos que tratassem sobre a punição de alunos. Entretanto, os oficiais que foram contatados informaram que, em função de tratar-se de documentos da década de 70, o colégio já tinha incinerado os mesmos, por falta de espaço. Realmente, talvez as pessoas contatadas não tivessem sido as mais recomendadas, pois em um contato recente, com um ex-comandante do CMPA, o mesmo informou que havia, sim, documentação daquela época arquivada no Colégio⁹.

Durante estas duas visitas conversei também com dois oficiais, que na época eram sargentos monitores responsáveis por turma de alunos. Após algum tempo de conversa, explicando o tipo de trabalho que estava propondo, ambos se negaram a realizar entrevistas, mesmo sendo informados que seus nomes poderiam ser mantidos em sigilo. Estes percursos infrutíferos da pesquisa estão sendo expostos, pois ajudam a mapear as dificuldades do estudo.

⁸ Situação em que todos os alunos eram colocados de forma ordenada, formando agrupamentos separados por anos e séries.

⁹ A situação referida no Capítulo 1 de que fichas de Lamarca, que estudou no Colégio Militar de 1955 a 1957, foram queimadas em 1986, corrobora com a informação de que haveria documentos de alunos que estudaram na década de 70 ainda arquivados na escola.

As entrevistas foram realizadas individualmente, presencialmente, e uma única vez com cada entrevistado, ao longo dos anos de 2017 e 2018, em Porto Alegre. Dois dos entrevistados residem atualmente em São Paulo, os demais em Porto Alegre. Não foi possível obter complementações ou checagem em função das outras entrevistas realizadas. Foram também coletados textos e imagens das páginas das revistas *Hyloea* – 79 e *Hyloea* - 76.

A escolha dos ex-estudantes da turma de 79 para serem entrevistados não foi aleatória. Deu-se preferência à ex-alunos que optaram em não seguir a carreira militar (civis) e a ex-alunos que pertenceram ao grupo denominado “Legião da Desonra” (quatro dos entrevistados), pois este era um dos focos iniciais do trabalho. Entretanto, outros quatro ex-colegas também foram contatados, mas não se conseguiu efetivar todas as entrevistas. Dentre estes estavam dois coronéis, sendo que um deles alegou que não poderia participar, pois seu relato poderia lhe comprometer, tendo em vista a sua atual patente.

As entrevistas foram muito espontâneas e pôde-se perceber a emoção com que algumas histórias foram contadas. Alguns estavam interessados em deixar nos registros suas vivências do tempo de escola, preservando um pouco das histórias que eles haviam participado ou presenciado no Colégio Militar. Outros ficaram felizes em poderem conversar sobre aquele tempo e de colaborarem com a minha pesquisa.

Pelo fato de todos os entrevistados serem civis – nenhum seguiu a carreira militar – e pelo fato do entrevistador ser ex-aluno desta mesma turma, e amigo dos entrevistados, pôde-se perceber uma grande espontaneidade em contar histórias que entraram em conflito direto com a imagem que o CMPA tem de uma escola com hierarquia, disciplina e respeito rígidos. O fato de o trabalho tratar sobre a indisciplina estimulou ainda mais o relato dos entrevistados.

Para a coleta e gravação das entrevistas o pesquisador não contou com o auxílio de qualquer outra pessoa. Para as gravações utilizou-se um gravador¹⁰ simples, mas que tinha como recurso a possibilidade de fazer-se a reprodução das falas mais lentamente do que a realizada. As gravações foram muito demoradas, apesar da utilização do programa *Web Speech API Specification*, da Google¹¹, houve a necessidade de se repassar várias vezes cada gravação para uma correta percepção de todas as palavras pronunciadas. Mesmo assim, algumas poucas palavras ficaram ininteligíveis.

Solicitei aos entrevistados que cedessem ao pesquisador, de maneira total e definitiva os direitos autorais do depoimento (áudio) e da transcrição do mesmo, através da assinatura

¹⁰ Marca Sony, modelo ICD-PX240

¹¹ Localizado no endereço: <https://www.google.com/intl/pt/chrome/demos/speech.html>

de um termo de cessão de direitos sobre depoimento oral conforme indicado pelo livro História Oral a experiência do CPDOC (1990, p 98).¹²

Uma decisão que tomei quando do início deste trabalho escrito, foi a utilização de pseudônimos com o objetivo de proteger a identidade dos entrevistados e dos citados. Até então pensava em utilizar o próprio nome dos entrevistados, mas como no teor dos depoimentos surgiram referências que poderiam comprometer outras pessoas, reconsiderarei desta intenção. Da mesma forma, também foi omitido o nome de pessoas que foram citadas, em situações em que considere, sob meu ponto de vista, que as mesmas poderiam se sentir injuriadas.

Como toda a fonte histórica, a entrevista deve ser vista como um “documento-monumento” conforme definido pelo historiador Jacques Le Goff.

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica – sempre útil, decerto – do falso, devem superar esta problemática porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (1990, p. 548)

Verena Alberti apresenta que a entrevista é produzida para ser um monumento, pois seu caráter intencional de perpetuação de uma memória sobre o passado já fica patente pela escolha do entrevistado como testemunha importante a ser ouvida (2008, p. 184), e na análise de um depoimento de história oral é preciso saber “ouvir” o que o entrevistado tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção, quanto no que diz respeito à sua narrativa, atentando para relatos, interpretações e pontos de vistas “desviantes” (2008, p. 185).

Desta forma, a entrevista é um procedimento de coleta de informações, que possibilita a produção de relatos fornecidos diretamente pelos entrevistados, numa atividade de investigação. Mas estes relatos não devem ser vistos como uma verdade literal do ocorrido, mas sim como uma representação feita pelo entrevistado em um certo contexto sócio histórico, num processo de reconstrução e de ressignificações em sua trajetória de vida.

Foram realizadas as seguintes entrevistas:

¹² Em apenas uma das entrevistas houve o esquecimento de pegar este consentimento formal, mas que ainda tentarei obter no futuro próximo.

- André: entrevista realizada em 22 de abril de 2017, na residência do entrevistador. O entrevistado estudou no Colégio Militar de 1971 a 1979.
- Filipe: entrevista realizada em 31 de maio de 2017, em Porto Alegre, na residência do entrevistado. O entrevistado estudou no Colégio Militar de 1971 a 1979.
- Pedro: entrevista realizada em 03 de julho de 2017, em Porto Alegre, na residência do entrevistado. O entrevistado estudou no Colégio Militar de 1971 a 1979.
- João: entrevista realizada em 22 de agosto de 2017, em um restaurante no centro de Porto Alegre. O entrevistado estudou no Colégio Militar de 1971 a 1979.
- Tiago: entrevista realizada em 16 de outubro de 2017, em um restaurante no centro de Porto Alegre. O entrevistado estudou no Colégio Militar de 1971 a 1979.
- Tomé: entrevista realizada em 20 de abril de 2018, na residência do entrevistador. O entrevistado estudou no Colégio Militar de 1971 a 1979.

4 – CONCEITOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS, NOÇÕES DE DISCIPLINA

Nosso referencial teórico para a discussão do conceito de disciplina estará baseado em três enfoques diferentes. No primeiro buscamos a interpretação deste conceito a partir do referencial da Psicologia e Epistemologia Genética de Piaget, através da apropriação de Ferreira de Araújo, o segundo toma como base o conceito de poder disciplinar elaborado por Michel Foucault, e o último se baseará na questão da indisciplina relacionada com o sentimento de vergonha, a partir do estudo de Yves de La Taille.

4.1 – A partir do referencial da Psicologia e Epistemologia Genética de Piaget

Para o estudo do referencial teórico de Piaget, buscamos apoio no estudo realizado por Ulisses Ferreira de Araújo¹³, no trabalho “Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano”. Este autor utiliza o referencial da Psicologia e Epistemologia Genética de Piaget, apresentando o caminho da relação da criança com as regras através das fases de anomia, heteronomia e autonomia.

Nomia vem do grego nomos, que significa regras. Portanto anomia significa ausência de regras, na heteronomia haveria regras, mas a origem das mesmas seria externa, e autonomia seria quando as regras existentes tivessem como fonte a própria pessoa. A transformação da heteronomia para a autonomia se daria a partir de um processo de cooperação com outros sujeitos com os quais a pessoa não mantenha relações que ensejam respeito unilateral, surgindo assim uma relação de mútuo respeito. E este processo evolui para uma ética de solidariedade e de reciprocidade nas relações.

Mas o autor alerta que ser autônomo não significa fazer as próprias regras, fazer o que se acha certo, mas sim que para as regras serem estabelecidas há a necessidade de um acordo entre as partes envolvidas e, portanto, que uma parte leve a outra em consideração. Portanto, esta autonomia estaria vinculada à moral, e o autor se socorre dos ensinamentos de Kant, que apresenta que o homem tem a necessidade de agir segundo certas regras, que seriam os imperativos categórico e hipotético. Para Kant somente o imperativo categórico teria valor moral, pois se basearia em princípios universais, com uma ação necessária por si mesma, com

¹³ Na época, Pedagogo, mestre em Educação pela UNICAMP e doutorando em Psicologia pela USP.

validade para toda a humanidade. Já o imperativo hipotético estaria relacionado com regras de ação lidar com coisas ou com o bem-estar, como são as regras de etiqueta.

Em princípio para as regras serem respeitadas haveria a necessidade de conscientização de duas condições: i) alguém que receba as ordens, e ii) que este respeite a fonte destas ordens. E desta relação de respeito decorreria dos sentimentos: de afeto e medo.

Porém, para Piaget estes dois sentimentos explicariam tão somente o respeito unilateral e não o respeito mútuo, que teria como base um sistema funcional diferente. Desta maneira Piaget entende que a fonte moral decorreria de dois processos diferentes. A primeira seria decorrente de coação e estaria relacionado com o respeito unilateral, dando origem ao dever moral de heteronomia. Já a segunda fonte de moral decorreria da cooperação, baseada na presença de um sentimento de respeito mútuo, dando origem ao dever moral da autonomia.

Desta forma o autor bem resume a integração entre ação e juízo moral apresentada por Piaget:

A integração entre ação e juízo moral será possível quando o sujeito se sentir obrigado racionalmente, por uma necessidade interna, a agir moralmente, de acordo com princípios universais de justiça e igualdade. Esse nível de desenvolvimento ideal de autonomia moral dificilmente poderá ser alcançado por sujeitos que vivam constantemente em ambientes de coação e respeito unilateral, uma vez que esse tipo de relação é irreduzível à moral do bem. Somente poderão construí-la lentamente (como possibilidade) os indivíduos que tenham oportunidade de estabelecer relações interindividuais com base na cooperação, na reciprocidade e no respeito mútuo. (ARAÚJO, 1996, p. 110)

4.2 – A partir do conceito de Poder Disciplinar elaborado por Michel Foucault

Agora, sobre um outro ponto de vista, passaremos a abordar a questão da disciplina partindo do conceito de poder elaborado por Michel Foucault e analisado por Marlene Guirado¹⁴ no artigo “Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder”. Esta autora nos apresenta que Foucault consegue demonstrar como o fato de estigmatizar e de reprimir por meio de procedimentos institucionalmente legitimados e/ou legalmente previstos, incita as práticas que se quer eliminar ou combater.

Para Foucault, o que o poder faz é reprimir tendências consideradas nocivas às pessoas e ao convívio social. Mas além de reprimir, tem a capacidade de liberar, pois poder é uma relação de forças, e se por um lado tem uma dimensão negativa – restritiva, o poder tem

¹⁴ Psicóloga, psicanalista e analista institucional. Mestre e doutora pelo Instituto de Psicologia da USP.

também uma dimensão positiva – criativa. Poder não é uma ação unilateral exercida sempre pelo mesmo grupo sobre outro desprovido de força. É um exercício de forças, sempre móveis e mutáveis no interior das relações que se estabelecem, e não por algo que acontece de cima para baixo em decorrência das normas vigentes. É uma tensão constante no dia-a-dia.

Ao analisar o sistema penal, Foucault nos apresenta no livro *Vigiar e Punir* duas modalidades de controle da infração e do infrator, na época clássica e nos tempos modernos. Na época clássica a transgressão era considerada como um desacato à autoridade do rei, e a punição era exemplar e em praça pública. O corpo era o objeto do castigo e tudo era feito de maneira teatral como um espetáculo para demonstrar o real poder do soberano.

Já nos tempos modernos, a punição visava à restauração da ordem. Não se pune mais o corpo, mas sim a liberdade do indivíduo, tanto de movimento como de comunicação com os demais. A prisão cumpre esta função de maneira exemplar, privando inclusive o condenado do domínio de seu próprio tempo. Este poder disciplinador se caracteriza pela constante vigilância, pela visibilidade aos comportamentos mais simples e corriqueiros, pelo controle do olhar do observador.

Este poder disciplinador pode também funcionar de maneira positiva – sem punição – através de um processo de recompensa por ação, criando comportamentos e adestrando indivíduos.

Este processo de vigilância funciona de baixo para cima, de cima para baixo e entre os indivíduos de mesmo nível. Todos estão neste processo de observação diluído, discreta – pois é feito de maneira silenciosa, indiscreta – pois está sempre ocorrendo, automática e anônima. Esta permanente observação tem efeitos repressivo. As pessoas podem sentir-se constrangidas nas mais singelas condutas do cotidiano. Mas tanto controle assim pode gerar um processo de defesa, ou seja, um contra controle, pois da mesma forma que alguém está observando, este mesmo alguém também está sendo observado. “E aquilo que chamamos de jogo de domínio e resistência acirra-se e torna-se, no caso da disciplina, evidentemente móvel” (GUIRADO, p. 66). De seu lugar os oprimidos também fazem o seu controle.

Desta forma, a indisciplina seria decorrente do processo de disciplinarização. A indisciplina faz parte da própria estrutura de poder, sendo gerada pelos mesmos mecanismos que visam o seu controle. Assim segundo apresentado por Guirado (1996, p. 68):

A rede de controle e vigilância, o olhar hierárquico representado pela arquitetura do panóptico, o sistema contínuo de previsões de condutas certas ou erradas com as devidas contingências punitivas, bem como o exame

(prática que atravessa as mais diversas instituições da modernidade), todo o aparato, todos os dispositivos, por seu próprio exercício, vão incitar e colocar no discurso, exatamente, o que visa mitigar.

4.3 – A questão da indisciplina relacionada com a ausência do sentimento de vergonha

Para este tópico buscamos o estudo apresentado por Yves de La Taille¹⁵, que analisa a questão da indisciplina relacionada com o sentimento de vergonha e apresenta que, em uma definição rigorosa, a vergonha estaria vinculada ao sentimento de se “saber objeto do olhar, da escuta, do pensamento dos outros” (TAILEE, 1996, p. 12) sendo, portanto, um sentimento inevitável. Em uma forma mais elaborada esta percepção do olhar de outrem traz sentimentos positivos e negativos, e a vergonha estaria relacionada com os valores negativos. Desta maneira, qualquer coisa poderia causar vergonha ou orgulho, estando este sentimento permanentemente presente em nossas vidas.

A partir de estudos desenvolvidos por Piaget, Taille apresenta seu argumento de que duas situações podem acontecer a partir da relação vergonha e moral. Surge um sentimento de culpa, que seria um controle interno da própria pessoa e um sentimento de vergonha, que funciona tanto como controle interno (pois podemos sentir vergonha sozinhos), como controle externo (sociedade, amigos, família). Este controle externo seria decorrente do medo de um juízo de valor negativo emitido por outra pessoa com a qual partilhamos os mesmos valores. Este controle externo produz um processo de interiorização das regras mediante um procedimento de reciprocidade – respeitar e ser respeitado. E cair perante os olhos da pessoa respeitada nada mais é que sentir vergonha. Desta forma, o sentimento de dignidade estaria inerente às ações morais.

Mas o autor apresenta que algumas pessoas podem desenvolver uma imagem positiva de si mesmas sem, contudo, incluir uma dimensão moral. Pois, enquanto algumas pessoas fazem pouca distinção entre a sua personalidade e sua moralidade, outras apresentam uma divisão moral compartimentada vendo-se como pessoas de sucesso, ricas ou bonitas, e vindo a sentir mais vergonha no caso de ficarem pobres do que infringirem uma regra moral para evitar isto. Portanto, o autor conclui que:

a vergonha é um sentimento inevitável, inerente ao ser humano, aquela associada à moral não se impõe necessariamente. A vergonha pode seguir

¹⁵ Na época, Mestre e doutor em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP.

vários caminhos; a moral é um deles. A qualidade da inserção social determina em grande parte o quanto a moralidade vai associar-se à imagem que cada um faz de si. O olhar alheio tem grande responsabilidade neste processo (TAILLE, 1996, p.17).

Posteriormente, o autor trazendo seu estudo para uma época atual, muito posterior à época objeto deste trabalho, apresenta que este olhar externo vem se flexibilizando. Valores como beleza física, dinheiro, sucesso profissional e fama estariam colocando a vergonha associada à moral em segundo plano. Para ele o homem pós-moderno mostraria um interesse maior num pequeno grupo de amigos do que na sociedade; desdenharia a participação política, a luta pela emancipação do homem pela liberdade, empenhando-se em garantir a sua liberdade, a sua emancipação, os seus interesses particulares. Em suma, estaria investindo toda a sua energia em si mesmo, em sua intimidade. Não que o homem contemporâneo seja imoral, mas restringe em muito o espaço de sua ação moral e reluta em assumir valores que lhe pareçam contradizer sua busca pelo prazer. Apresenta ainda que:

[Ele] tende a pensar que moralidade é tema de foro exclusivamente íntimo; no limite, cada pessoa tendo sua moral, seus valores que se tornam, por assim dizer, incomunicáveis ... (TAILLE, 1996, p. 18).

Quando apresenta o resultado de pesquisa realizada por Maria Amália Faler Vitale¹⁶, fica demonstrada esta nova forma de relacionar vergonha e moral. Esta autora conclui:

A vergonha perdeu seu caráter de sentimento moral no trato das questões do espaço público, não mais regula a ação do cidadão frente à opinião pública... (VITALE apud TAILLE, p. 19).

O sentimento de vergonha permaneceria, mas estaria associado aos sentimentos de fracassos pessoais e demais decepções do homem individualista.

Taille conclui então que:

O binômio moral/vergonha se desfaz, ou, pelo menos enfraquece, seja porque valores como o “sucesso” na vida, o dinheiro, etc. acabam por ocupar tal destaque que invadem a imagem que cada um almeja ter de si, seja porque a moral acaba por ser represada nos limites do Eu, este Eu sendo então o único olhar considerado legítimo para avalia-la. Privado de seu diálogo com o olhar do outro, o olhar próprio vai perdendo força, caindo na

¹⁶ Possui graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1969), mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977) e doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994). Atualmente é professora assistente doutora aposentada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

complacência moral aplicada a si mesmo, caindo na “tentação da inocência” (TAILLE, 1996, p. 19)

Para o autor, a questão da disciplina em sala de aula está relacionada com a moral, pois tanto disciplina como moral colocam os alunos frente a um conjunto de normas. Para ele a indisciplina traduz-se pelo desrespeito aos colegas, aos professores ou à instituição.

Veremos, todavia, que os alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, na época objeto do estudo, são completamente diferentes da conceituação do homem pós-moderno como acima apresentado. Eles não tinham problemas relacionados com valores morais, e também é pouco provável que fossem inclinados a ver no respeito alheio um valor a ser respeitado. Muitos inclusive relatam o orgulho de estudarem nesta instituição centenária. O que ocorria era um processo de contestação a um rígido sistema disciplinar, onde as ordens nem sempre faziam sentido, e onde havia também a necessidade de criar um espírito de grupo para que juntos pudessem se defender dos processos de bullying, além é claro de todo um processo de contestação ligado à adolescência.

5 – A LEGIÃO DA DESONRA

5.1 – A Legião de Honra

A Legião de Honra do Colégio Militar de Porto Alegre foi instituída no ano de 1964, e extinta na década de 80. Seu ressurgimento ocorreu no ano de 1995, por iniciativa da DEPA¹⁷. A Legião de Honra do Colégio Militar de Porto Alegre, pioneira no SCMB (Sistema Colégio Militar do Brasil), foi inspirada, como suas demais congêneres no mundo, na Legião de Honra francesa criada por Napoleão Bonaparte, em 1802, com o fim de recompensar os cidadãos que houvessem se distinguido por seus feitos militares na defesa da Liberdade ou por outros méritos civis ou militares, qualquer que fosse a origem do cidadão.¹⁸

A Legião de Honra do Colégio Militar tem por finalidade incentivar os alunos ao cultivo e à prática de sadios princípios de lealdade, honestidade, iniciativa, nobreza de atitudes, disciplina consciente, camaradagem, estudo e amor à cultura, segundo os valores, os costumes e as tradições do Exército Brasileiro. Sua composição e atribuições estão detalhadamente descritas no RICM - Regimento Interno dos Colégios Militares. A Legião de Honra confere distintivos de uso obrigatório a seus legionários, no ato de admissão, que simbolizam as virtudes contidas no Código de Honra, ao qual o legionário se submete por solene juramento¹⁹.

O ingresso na Legião de Honra é franqueado a todos os alunos que forem julgados aptos por conduta exemplar e propostos pelo Comandante de Subunidade de Alunos, por intermédio do Comandante do Corpo de Alunos.

Todavia, no trabalho realizado por CARRA encontramos críticas aos critérios para a escolha dos alunos legionários:

O aluno legionário foi criado para reforçar o ideal de homem pregado pela instituição. Este grupo seletivo representava e era cuidado pela instituição e seus pares. Os ex-legionários são unânimes em elogios à Legião, mas os ex-alunos que fizeram parte das primeiras turmas da Legião de Honra consideram que, com o passar do tempo, ela perdeu muito do seu valor e, alguns inferem, concordando com ex-alunos não legionários, estudantes do Colégio durante os fins da década de 70 e os anos 80, terem a impressão de

¹⁷ O CMPA é subordinado a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), sendo esta subordinada ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX).

¹⁸ Fonte: <http://www.cmpa.eb.mil.br/legislacao/115-ca/legiao-de-honra/372-legiao-de-honra>, acesso em 18/05/2018.

¹⁹ “Ao ingressar na Legião de Honra, prometo cumprir o lema ‘Lealdade e honestidade, iniciativa e nobreza de atitude, disciplina e camaradagem, estudo e amor à cultura e respeito às normas do Colégio Militar’”.

um círculo fechado cujo acesso acaba ocorrendo mais pelas relações pessoais do que pelos princípios solicitados para o perfil do aluno legionário. (2008, p 85)

E a autora prossegue colocando uma citação de um aluno entrevistado:

Eu era uma pessoa quieta e para ser legionário tinha que ter relações, então nunca fui indicado. Eu tinha notas boas, mas não fui indicado. Da Legião eu sentia que era um grupo fechado e prepotente, não [o aluno] individualmente (CARLITOS). (2008, 85)

Já na Revista Hyloea – 79, no capítulo referente à Legião de Honra, escrito pelos próprios legionários encontramos os seguintes seguimentos:

Ao contrário do que muitos poderiam pensar, em vista dos privilégios cedidos a seus membros, antes de desfrutar deles, os legionários devem cumprir seus deveres, que estão discriminados no Código de Honra e no Estatuto da legião.

A LEGIÃO DE HONRA não visa, como poderiam supor os mais desavisados, criar uma casta no âmbito do Colégio, o que colidiria, frontalmente, com a sua razão, com a sua finalidade primordial (p. 27).

[...] As indicações para alunos novos no âmbito da legião de honra, foram feitas até o final do mês de junho, pelos próprios alunos Alfa-Legionários e comandantes de companhias (p. 29).

Portanto, podemos inferir que os extratos acima reproduzidos reforçam a constatação de Carra, conforme anteriormente citado, pois parecem ser justificativas quanto a uma visão crítica que estava se tendo da Legião de Honra e de seus membros naquele momento, uma vez que não há a necessidade de se dar explicações quando não existem questionamentos. Além disto, a Legião de Honra foi extinta na década de 80, e segundo informado em um site visitado²⁰ ela teria sido extinta devido a desvirtuamentos de seus objetivos.

Os depoimentos coletados durante as entrevistas demonstram que os alunos da Legião de Honra eram objeto de análises não muito favoráveis por parte de alguns alunos do Colégio Militar.

André

[...] o colégio tinha alguns alunos muito destacados que eram escolhidos ano a ano que constituíam a Legião de Honra, a Legião de

²⁰ <https://plus.google.com/+SISTEMACOL%C3%89GIOMILITARDOBRASIL/posts/geRjdFJWigV>, acesso em 18/05/2018.

Honra Beta e depois a Legião de Honra Alfa, era o máximo de destaque de quem apoia tudo que era feito, que tinham notas exemplares, comportamento exemplar [...]

Tiago

Eu lembro que certa vez houve uma suspeita de que um dos alunos da Legião de Honra tinha feito uma queixa em relação a alguém ou tinham perguntado quem tinha feito determinada coisa, e esse aluno respondeu [...]

[...] eram os alunos que estariam sempre com muito bom comportamento, que vinham com o cabelo cortado, com uniforme impecável, com os coturnos lustrados, e que a grande maioria dos outros, de nós, chamavam eles de puxa sacos, de seguidores das orientações gerais, e tal.

[...] vários desses alunos da Legião de Honra, não todos, mas vários que eram alunos mais velhos, que já tinham repetido de ano, e muitos queriam seguir a carreira militar ...

[...] E eu lembro de vários deles nos ameaçarem [no acampamento do Curso de Formação de Reservistas], assim, tipo, você vai sofrer lá nesse acampamento, vai passar a noite estaqueado numa árvore, vamos jogar nas bombas de gás perto de vocês, vários desses alunos eram da Legião de Honra

João

[...] essa escolha [para a Legião de Honra] ela é feita, com o termo mais vulgar, pelo puxa-saquismo dos alunos, ou seja, pelo aluno, aquele que a gente chama de dedo-duro, pelo aluno que estava sempre babando o sargento lá, sempre puxando o saco. E esse aluno ele tinha alguns privilégios. Os privilégios que ele tinha, era ter uma sala para eles, está entendendo, exclusiva para eles, ao lado da SEL [Sociedade Esportiva e Literária], por exemplo, e todo um contexto no aspecto do desfile também, eles eram postos de forma diferenciada, tá legal, mesmo alunos com baixa capacidade intelectual. Então assim, era uma maneira até daqueles alunos de baixa capacidade intelectual poderem se postar de forma diferenciada. [...] pessoas que andavam sempre no aspecto, muito ligado à diretoria, assim do colégio, ou seja, a diretoria, seus majores, capitães.

[...] [Falando de um legionário] que era aquele cara que levava e trazia todas as informações, nossa para o capitão... [...] Mas porque que ele fazia isso? Para se promover politicamente com os coronéis, com os majores, com os capitães, correto, para chegar nessa tal chamada Legião de Honra [...]

Tomé

[...] porque tinha a Legião de Honra, que eram uns chatos de galocha, os caras da Legião de Honra, puts, nossa!

Portanto, assim como na escola inglesa descrita por Willis, onde há um grupo de alunos que são denominados como “os conformistas”, no CMPA encontramos também um grupo de alunos, pertencentes à Legião de Honra, que apresentam características semelhantes às referidas pelo citado autor.

Mas assim como há a Legião de Honra, que se equipara aos conformistas, no Colégio Militar também encontramos alguns alunos que de alguma maneira procuram desafiar as regras e a autoridade instauradas, e este será o assunto do próximo tópico.

5.2 – A Legião da Desonra e todo o processo da (in)disciplina

Neste tópico discorreremos sobre um grupo, que de certa maneira fazia um contraponto direto à Legião de Honra. Eles se auto nominaram como Legião da Desonra. Apresentaremos quem eram os membros Legião da Desonra, como estava estruturada, qual era a visão que os entrevistados tinham deste grupo e que tipo de atividades eram desenvolvidas para burlar as regras e desafiar a autoridade.

Na Revista Hyloea – 79 verificamos que de um total de 154 alunos que se formaram na turma de 1979, nove alunos fazem referência explícita de pertencerem, ou terem relações com a “Legião da Desonra”, totalizando 5,8% dos alunos da turma. Todavia, em duas entrevistas houve referências de que o grupo seria constituído por 11 ou 12 pessoas. Os mencionados na Revista Hyloea -79 estão abaixo relacionados, seguidos do texto que se refere especificamente à Legião da Desonra:

1. Alfonso Filho Filho – 603 – “O Presidente da LD (Legião da Desonra) ...” (Revista Hyloea – 79 ,p. 49);
2. Antônio Sérgio Donelli – 1045 - “... É o diretor de Esportes e sócio-fundador da Legião da Desonra (LD) ...” (Revista Hyloea – 79, p. 52);
3. Carlos Alberto Barcellos Crescente – 1047 – “... É, como toda “elite” do CM, pertencente a LD (legião da desonra), onde é sócio fundador ...” (Revista Hyloea – 79, p. 52);
4. Carlos Eduardo Nery Eduardo – 73 “... Por seu sorriso contagiante, acabou sendo eleito direto (sic) de Relações Públicas da LD, onde é sócio fundador ...” (Revista Hyloea – 79, p.53);
5. Inácio Augusto Lobraico Cordeiro – 757 – “... Patrono e idealizador da Legião da Desonra ... (Revista Hyloea – 79, p.61);

6. Luiz Henrique Mangeon – 1070 – “... É artibaca²¹ e sócio fundador da LD (Legião da Desonra) ... (Revista Hyloea – 79, p. 72);
7. Nelson de Lorenzi Campelo – 792 – “... Tem vários títulos, desde “abobado da bolinha” até diretor cultural da LD...” (Revista Hyloea – 79, p. 76);
8. Paulo Renato Paulo Santos – 1076 – “... É membro da LD...” (Revista Hyloea – 79, p. 77);
9. Sílvio Henrique Cabreira – 1083 – “... e frequentemente ajuda os membros da Legião da Desonra. LD por convicção e artibaca por coração...” (Revista Hyloea – 79, p. 84);

Todavia, em relação ao aluno Inácio Cordeiro, um dos entrevistados quando questionado sobre a participação do mesmo apresenta:

Tomé:

Eu não me lembro na LD.

[...] Às vezes o cara usa, achando que está no grupo e nem foi tão aceito assim.

Portanto, este grupo, conforme referido na revista, apresentava-se como tendo uma organização constituída de Patrono e Idealizador, Presidente, Diretor de Esportes, Diretor Cultural, Relações Públicas, Sócio Fundador ou simplesmente membro; e utilizavam uma camiseta (uniforme), pois em duas fotografias da Revista Hyloea – 79 os alunos aparecem utilizando uma túnica com os dizeres “legião da desonra” (p. 52 e 72). Nada muito diferente do que poderia se esperar de um grupo de alunos que passaram praticamente toda a vida escolar inseridos dentre de uma estrutura organizada e hierarquizada.

O depoimento de André apresenta de maneira detalhada como é que surgiu a ideia de criar este grupo chamado Legião da Desonra. Segundo ele:

E quase chegando, aproximando-se no final do ano, teve uma situação, a gente começou a brincar com uma bolinha, umas bolinhas dessas de plástico, de tênis, e tal, e um dos sargentos que cuidavam, um ou dois sargentos que cuidavam da disciplina da turma, acabou entrando num bobinho, numa situação de..., ele foi tentar tirar da gente, a gente não queria, um jogou pro outro, pro outro, pro outro e vários ali pegaram um castigo, uma detenção. Fomos chamados os abobados da bolinha. E este foi o precursor da Legião da Desonra, porque a gente acabou criando um grupo, a grande maioria, dos que estavam nessa detenção

²¹ Forma debochada de chamar um aluno que pertencia à arma de Artilharia no CFR (artilheiro +babaca).

juntos, acabaram criando esta história de um grupo, onde como que a gente poderia diferenciar o nosso grupo, né, que já estava tendo uma certa notoriedade na escola, liderando aí as principais atividades de bagunça. E aí eu acho que cominou com o fato, a Legião da Desonra foi criada nessa discussão, sem ainda uma caracterização.

Mas estes alunos se juntaram por uma série de circunstâncias. Segundo seus depoimentos o fato de serem pequenos, jovens e de sofrerem bullying teria sido fundamental para esta união, permitindo a demonstração de um tipo de movimento de resistência à instituição e da capacidade intelectual do grupo, que passou a ser admirada pelos demais alunos. Além disto, ainda havia a inconformidade pela disciplina excessiva e pela a falta de bom senso de algumas determinações e orientações, sem é claro, deixar de considerar que este grupo passou a fazer um contraponto à Legião de Honra.

André:

E como nós passamos boa parte da infância e da adolescência juntos acho que a gente criou uma identidade um grupo de pessoas que transitaram conjuntamente, que eram discriminados porque eram pequenos, eram discriminados porque eram menores, mais jovens. Bom a forma que tu tens para nessa altura é ou tu ficas isolado, fica sozinho ou tu te une, e acho que a gente fez isso, nós nos unimos e começamos a transgredir frente aqueles ali, e dali nós víamos que bom é transgredir, que bom é poder ser diferente, que bom é ser diferente e invejado, e começamos a transgredir de várias formas, desde, não faço o tema e fico detido, a detenção era uma vamos dizer assim, uma penalização qual ah não fiz o tema de casa, eu vou, como tenho aula de manhã, tenho que vir de tarde um dia, tem que vir de tarde no fim de semana, passar o dia no fim de semana, sábado e domingo dentro do colégio, dentre de uma sala de aula, tendo de sair apenas para almoçar e voltar, e aí a detenção para mim era um momento de transgressão.

[...] nós trabalhávamos desta forma de transgressão comum da adolescência associada à transgressão comum dos que sofriam bullying porque eram menores, dos que eram jovens e que vamos dizer talvez de uma forma, talvez por alguma coincidência, boa parte eram guris, rapazes, que se dedicaram também, tinham conhecimento, tinham uma capacidade intelectual, algumas identidades que nos destacavam positivamente, que não precisavam ter as melhores notas, mas que a gente, que nós éramos “pessoas mais inteligentes”, nós éramos, nós éramos mais espertos, pelo menos nos achávamos, e eu acho que nós éramos mesmo, tínhamos respostas, capacidade de ação maior, melhor dizendo que os mais velhos que a gente, e isso aí fazia, trazia uma inveja pra eles trazia, nós achávamos o máximo, então.

[...] Nossos, vamos dizer, a nossa identidade, identidade identificadora fora essa aí, os menores, os mais jovens, que tinham bom

conhecimento geral, vamos dizer assim, sentiam, que eram colocados sob subordinação de uma forma muito mais intensa, que sentiam mais intensamente atingidos e se regularam. Eram esses. Alguns tinham boas notas, outros não tinham boas notas, mas não era esse um critério de seleção entre nós.

Tomé:

Sabe qual é a ideia que eu tenho, é que a gente era popular, porque [...] era odiado pelos [...] da vida, na época, [...] Então, odiado por alguns, mas a gente era muito mais popular do que odiado.

[...] Mas sobre a indisciplina especificamente, eu tenho uma teoria bem minha. Ninguém queria ser milico. Nossa, a gente não tinha a menor intenção de seguir a regra daquilo ali, porque aquilo ali era [...] a gente tinha era que se formar para ir para a faculdade, era essa a ideia.

[...] Mas é muito mais de um grupo de identificação nossa do que de anarquia. Muito mais a gente se identificava por estar fora do contexto normal, muito mais se criou isso por conta de identificação, de não gostar do regime, do que sacanear o regime. A gente muito mais criou uma sociedade nossa, em que a gente foi convivendo,[...]

[...] Nós estávamos em um colégio, com regras muito restritas, muito, muito duras, então o evento era esse, era a indisciplina natural, nossa, não era planejada, [...] a gente não tinha nenhuma ideia de mudar regra nenhuma. A gente só brincava com elas

[...] A gente não tinha ideias, a gente não tinha linha de pensamento, eram dez engraçadinhos cada um querendo ser engraçadinho, era tudo muito bundinha, os caras muito quadradinhos todo mundo muito certinho dentro daquele Colégio, [...]

Tiago:

Mas no dia a dia, as dificuldades lá, acabavam aproximando muito os colegas, e de uma certa maneira, essa revolta que eu tinha dentro de mim, juntando com a revolta de outros com as mesmas, ou outras razões, acabaram nos aproximando bastante, então a gente passava uma boa parte do tempo planejando coisas para fazer contra o sistema.

[...] E aí eu acho que nesse ano [1979], existiu, à medida que o final do ano ia chegando, foi chegando, tinha uma série de pequenos conflitos, eu acho, que foram se criando né, alguns, ou a maioria promovido pelos grupos que tinham dentro da escola, no sentido de desafiar mais ainda o sistema, talvez visualizando que o final do ano e o final de nossa história estava chegando, e em alguns outros pela talvez, pelo momento da repressão na escola em relação a gente.

[...] Então assim, a gente fez algumas coisas que hoje, eu não consigo imaginar, certamente não eram viáveis de serem feitas em qualquer escola, em qualquer escola, e muito menos numa escola militar. Mas de novo, tudo isso está associado a uma série de fatores, certamente a repressão no ambiente, [...]

[...] Dizem né, tem um ditado que diz que é na diversidade que as pessoas se unem, enfim guardadas as devidas proporções, e com características diferentes para cada um, exatamente naquele momento teve uma série de adversidades que uniram muito a nossa tudo, e naquele momento a gente fazia, a nossa forma talvez de demonstrar isso, e de uma certa maneira de protestar era realmente fazer grandes armações, estripulias, grandes bagunças.

[...] Para mim pelo menos, eu não conseguia aceitar muito o fato de que tinha de cumprir determinadas ordens simplesmente porque era, porque era, e ainda mais que o mensageiro daquela ordem [o sargento monitor de turma] era alguém com muita pouca instrução, a não ser pela inserção formalmente militar.

[...] Eu me lembro de uma história da japona. A japona você tinha que usar com o uniforme, mas a japona não era para ser usada necessariamente quando estava frio, mas ela era liberada a partir de um certo dia do ano, sei lá se era a entrada do inverno, ou alguma coisa assim. Se fazia muito frio antes você não podia usar, e se fazia um dia de verão muito quente no inverno você tinha que usar a japona, ou pelo menos ir para escola com ela.

João:

... eu me lembro que no Colégio Militar só poderia deixar usar uma peça de uniforme quando era decretado por Brasília, muitas vezes estava um verão quente e nós usando japona, cara, tá legal, era obrigado a usar japona na formatura, não sei se tu te lembras disso aí. Então isso aí vai criando um processo de depressão onde tu queres transbordar isso aí, tu queres mostrar uma maneira diferente, tá, como aquele que eu te falei, nós vínhamos de uma amizade muito, muito longa, e esta amizade identificou-se por guetos, cara, dentro do Colégio Militar, guetos porque se tu fores ver havia uma diferença de idade absurda no Colégio Militar, tem diferenças para o mais velho de 6 anos,[...]

[...] São guetos que foram formados no Colégio Militar para mostrar a força nossa, do nosso sentimento também, [...]

[...] Eu acho que passa por aí todo esse processo da Legião da Desonra, que seria um descontentamento com aquela situação ali, tanto a legião de honra quanto a situação imputada para nós, impostada para nós da disciplina.

[...] Uma coisa que eu bato palmas pro Colégio Militar é não havia diferenciações de classes dentro do Colégio Militar. Tu não sabias quem era filho de general, tu não sabias quem era o filho do soldado, tu não sabias quem não tinha pai, não tinha esse troló, não teve essa diferenciação. A diferenciação não se formou por classes sociais, e sim pela necessidade do fortalecimento dos teus sentimentos internos.

Os entrevistados viam a Legião da Desonra como um grupo de alunos, que atuavam de maneira desordenada, com muita irreverência e senso de humor, através de brincadeiras, contra a disciplina do Colégio Militar, e como contraponto à Legião de Honra, conforme abaixo apresentado:

Pedro:

[...] este grupo chamado legião da desonra [começa a se formar] como uma espécie de resistência um pouco inconsciente a uma disciplina muito rígida que tinha dentro do Colégio Militar [...]

[...] esse outro grupo que sempre me chamou muito atenção, que eu achava muito engraçado que era legião da desonra que era uma resistência muito inconsequente, mas muito engraçada, satírica, e que eles se destacavam por fazer o oposto de tudo que era esperado deles, [...]

[...] Então tem esse tipo de brincadeira, de indisciplina e essa indisciplina mais corrosiva porque os colegas da legião da desonra, eles com seu humor e com a sua insubordinação eles se manifestavam contra aquilo que era central no Colégio Militar que era a disciplina, a apresentação, a correção, a limpeza e tudo mais.

João:

[...] Legião de Honra eram aquelas pessoas que eram exatamente contrárias aos nossos sentimentos, ou seja, eram pessoas que estavam fazendo parte de algo que nós não fazíamos parte, contrariamente, nós quisemos mostrar para eles a forma diferenciada [...] Então para nós criarmos um aspecto antagônico a esta Legião de Honra nós criamos a Legião da Desonra para mostrar que a gente conseguia sobreviver dentro desse processo [...]

[...] Talvez a gente quisesse fazer uma diferenciação do que a gente não gostava muito, daquele processo ali, cara, daquela forma que era feita a escolha daquele processo talvez.

Tiago:

Então, acho que uma série de fatores conjugaram para que nós acabássemos criando uma unidade dentro dos diversos grupos que tínhamos lá na escola é muito grande, e ao mesmo tempo tinham alguns alunos, alguns colegas, que tinham como principal objetivo seguir a carreira militar. E ao estar no Colégio Militar tinham um caminho mais simples, porque tinha uma aprovação direta na Academia Militar das Agulhas Negras. Então esses alunos faziam de tudo para seguir as regras, então criava aí, naturalmente, uma dicotomia entre dois grupos, um grupo tentando desafiar ou querendo desafiar as regras estabelecidas, e um grupo querendo segui-las, ambos, sei lá, por motivações diferentes, distintas.

[...] Eu lembro que certa vez houve uma suspeita de que um dos alunos da Legião de Honra tinha feito uma queixa em relação a

alguém ou tinham perguntado quem tinha feito determinada coisa, e esse aluno respondeu e fez lá, aí ele andava com uma pastinha daquelas tipo 007, e inclusive a pasta dele no dia seguinte apareceu toda cortada, cortada com gilete, ou algo desse tipo. Então esse era um exemplo que eu me lembro de um atrito sério. Um outro atrito é o seguinte, vários desses alunos da Legião de Honra, não todos, mas vários que eram alunos mais velhos, que já tinham repetido de ano, e muitos queriam seguir a carreira militar, e eles, quando houve o tal do Curso de Formação de Reservistas, no final do ano tinha um acampamento, é uma história legal de contar, e esse acampamento era coordenado pelos sargentos, e esses alunos mais antigos, que já tinha feito o CFR nos anos anteriores, iam como monitores. E eu lembro de vários deles nos ameaçarem, assim, tipo, você vai sofrer lá nesse acampamento, vai passar a noite estaqueado numa árvore, vamos jogar nas bombas de gás perto de vocês, vários desses alunos eram da Legião de Honra, ou de uma certa maneira faziam parte de um grupo que tinha um contraponto em relação aos mais desordeiros.

Filipe:

[...] eram todos destrambelhados [falando de membros da LD] [...] Eu atribuo isso à adolescência porque todos eram estruturados não tinha, não tinha força de drogas, não existe essa maldade e ao mesmo tempo nós fomos muito, eles foram muito rígidos conosco.

Tomé:

[...] nunca tivemos essa organização, a gente nunca foi um grupo organizado, a gente nunca sentou os 10, o que que nós vamos fazer hoje? Nada. Fazia-se por criatividade única, e isolada.

[...] A gente não tinha estratégia, alguma vez a gente sentou e combinou alguma coisa para fazer? Nunca, a gente não combinava, acontecia, e a gente sabia quem foi. Mas não tinha combinação[...]

Mas será que efetivamente estes alunos atuavam de maneira desordenada? Segundo os relatos, a partir de determinado momento o grupo começou a atuar de maneira notória, com uma articulação muito interessante dentro da turma, com reuniões frequentes, mas sempre de forma secreta e transgressora frente ao contexto da opressão.

André:

[...] constituímos o que é a Legião da Desonra, um grupo de 11 amigos, que tinham várias identidades, mas a identidade maior era a da transgressão [...] ela inicialmente começou [...] sem se apresentar para os demais, [...] lá adiante, decidimos que nós íamos atuar notoriamente em bando, vamos chamar assim.

[...] E aí nós começamos a nos reunir frequentemente, sempre, e vamos fazer isso, vamos fazer aquilo e tomávamos decisões, [...]

[...] Mas é isso aí, exatamente isso, nós agíamos sempre de uma forma secreta e transgressora frente ao contexto da opressão. Então aquela história que se diz, muitas vezes não é o rio que é violento, são as margens que o oprimem e fazem reagir de uma forma mais intensa. E talvez seja isso.

Tiago:

Mas claramente ali foi um movimento [greve da jujuba], uma articulação da turma muito, muito interessante, também a gente não pode esquecer que naquela época não tinha mídias eletrônicas para a gente fazer qualquer tipo de organização. Então a organização era feita, sei lá, em conchavos durante a aula, e fora da aula, e tudo mais.

[...] Então, e tinha alguns alunos, eu diria, com espírito de liderança interessante. Algumas lideranças para a bagunça, lideranças para arquitetar algumas coisas, a gente sabe, a na turma tinha um nível intelectual muito acima da média, em geral, várias pessoas com capacidade de articulação muito boa, [...]

Mas será que este processo de indisciplina teria alguma relação com o regime militar que estava vigorando neste período? Haveria consciência disto por parte dos alunos? André tinha uma visão bem clara do momento político que existia e relata experiências de vida, como a resistência por parte de seu pai no movimento que impediu o bombardeamento do Palácio Piratini no episódio da Legalidade, além de outros relatos durante sua vida de estudante. Filipe também relata o cuidado que se tinha de ter ao participar de alguma manifestação organizada pela Universidade, mas não se sentia em um regime militar. Todavia os demais apresentam que não se davam conta que viviam em um regime militar, ou até acreditavam que viviam em uma democracia, e atribuem as brincadeiras como conjunto de revoltas típicas da adolescência. Quando às pichações contra ou a favor dos movimentos comunistas que eram feitas dentro do Colégio os mesmos relatam que não tinham qualquer consciência do que se tratava e que as mesmas eram feitas porque eram consideradas como transgressões, e o objetivo era simplesmente transgredir.

André

Então, essa questão da disciplina tem até a ver com o ambiente, com o contexto, que era um contexto de plena vigência do AI 5, contexto com o AI 5 tinha sido promulgado, tinha sido outorgado pouquíssimo tempo antes. Nós tínhamos um ambiente militar, lembrando que quem era o ministro da educação? O ministro da educação era o coronel Jarbas Passarinho, ex-aluno do CMPA. O presidente da república, quem era? Era Emílio Médici, bajeense, ex-aluno do CMPA, era dureza, lá a gente tinha a marca da ditadura na nossa cabeça e muitos ali não concordavam, eu me lembro, meu pai, militar, foi um dos que,

ele nunca disse, eu sei disso, mas minha mãe, dizia, contava, conta isso, ele foi um dos que agiu para que não ocorresse o bombardeio no Palácio Piratini, ele trabalhava na sessão de armamentos da aeronáutica e ele foi um dos que desativou as bombas dos aviões, um dos que obstaculizou que os aviões conseguissem decolar lá na no episódio da Legalidade. A mãe vivendo o ambiente familiar que eram pessoas muito muito trabalhismo, e depois contra a ditadura minha mãe dizia, oh eu sou comunista e eu tinha um medo dela dizer isso. Eu me lembro, que até antes de eu entrar no colégio, no colégio religioso em que estudava em Canoas, eu me lembro que uma vez entraram militares da aeronáutica lá e questionaram lá para as crianças de 7 anos se tinham ouvido a palavra comunismo em casa. Entraram armados na sala de aula perguntado e eu morrendo de medo, tinha ouvido e ouvi também da minha mãe, inclusive, e eu morrendo de medo não falei nada. Mas então, a gente tinha esse contexto altamente militar, eu me lembro, que várias vezes durante os primeiros anos lá no colégio que tinham exercícios, durante a tarde, tocavam uma sirene, entravam “terroristas” e ações simuladas, e os militares lá dentro do CM tinham que reagir e tinham que agir naquela situação a gente ficava horrorizado, o que são essas bombas, sirenes tocando e tal. Eram exercício de simulação. Então era esse o ambiente escolar. Bom, nesse contexto ou tu vira mais um acolhedor em que acha legal, ou tu começa a criticar a situação e você começa a enxergar com outros olhos, talvez isso aí a gente tenha alguns de uma forma consciente, outros não muito consciente tenha despertado coisas lá que fizeram com que a gente começasse a transgredir de uma forma mais intensa, desde o começo reagindo com os professores, reagindo contra o autoritarismo.

[...] No período crescimento econômico era Brasil ame-o ou deixe-o. A visão geral era essa aí mesmo, eram os revolucionários, os que fizeram a revolução redentora de 1964 versus os vendidos para o comunismo internacional. Essa era a noção da sociedade, não era a noção dos alunos, ou dos militares, e tinha passado o tempo, foi aumentando o número de alunos que viam qual era o contexto, mas sempre foi um número muito pequeno.

Filipe:

[...] se tu fosses para uma contestação na universidade, o major Luciano mesmo dizia, que era do SNI, se te via duas, três vezes numa manifestação eles passavam uma roda no teu rosto, ah esse cara aí está indo muito. Na quarta ou quinta eles te buscavam, queriam saber o que tu estavas fazendo lá.

[...] Então, estou sendo sincero, eu não sentia o regime militar. Eu só sentia que a repressão, que existia deles, politicamente, era a linha de pensamento que cada um passava para o outro.

Tiago:

[...] o que a gente nem sempre se dava conta que nós estamos vivendo numa época de ditadura militar, então estamos no Colégio militar na época do segundo grau, em 77, 78 e 79 era o auge da ditadura militar numa escola que formou os principais generais aí, presidentes do Brasil na época, então, mas aquilo não era para mim, era muito pouco consciente, então a gente aprontava bastante, muito mais como uma forma de botar esse conjunto de revoltas, típicas da adolescência, que a gente passava muito tempo juntos, e aí colocava isso contra as regras estabelecidas lá no Colégio Militar.

João:

Então assim, eram coisas que a gente não sabia porque estavam acontecendo, não sabíamos porque que estava acontecendo [ao falar de movimentos comunistas].

Tomé:

Era coisa de ser engraçadinho, não era coisa de ser, esse cara é esquerdista, esse cara está fazendo alguma coisa que incite contra a doutrina, contra o regime, nada disso. Não fizemos nada disso.

[] um grupo de engraçadinhos que não tinha a menor intenção de ser terrorista, nenhuma intenção de disseminar ideias terroristas, comunistas, ideias socialistas,...

[] não vi passar a ditadura, não vi essa repressão inteira [...]

Pedro:

Mas eu não me lembro de denúncia do regime instalado 64 como sendo o regime ditatorial, por qualquer um dos nossos colegas, dos mais inteligentes, aos demais satíricos, eu não me lembro de nenhuma forma de crítica ao regime militar, ou a ditadura civil-militar. Eu me lembro, nós temos consciência disso, porque o nome do Lamarca era todo riscado durante certo tempo. O Lamarca foi aluno do Colégio Militar, mas não me lembro que isso tenha dado margem a alguma elaboração crítica, acho que não. Talvez a gente até acreditasse que a gente vivia numa democracia mesmo, ou talvez a gente acreditasse que a democracia não valesse a pena, mas não me lembro de nenhuma crítica radical ao regime de então por parte de qualquer um dentro da escola

Pichação nada – *never*- escritos, subversivos, incendiários, nunca, viva Lamarca, nem pensar, nem pensar, nos batíamos palmas para exercícios da Companhia de Guarda quando ela fazia exercícios de repressão às manifestações, a gente assistia embevecido das arcadas e batia palmas para eles.

Então é isso em termos de disciplina, eu não me lembro de nada profundo, nenhum manifesto, nenhum escrito contra a ditadura nos banheiros, nas classes. Se reclamava da disciplina, mas eu me lembro também do orgulho que a gente tinha do 7 de setembro, de desfilar. Eu

gostava muito de 7 de setembro, mas eu não me lembro de nenhuma denúncia radical ao militarismo na instituição.

Todavia, André e João apresentam relatos diferentes com relação às pichações:

[...] também reagia de alguma forma, daí lembro que em 1974/75 eu ia de ônibus, já morava em Porto Alegre nessa época, ia de ônibus pro colégio e via nas paradas de ônibus, nas placas de proibido estacionar um conjunto de letras a letra M e a uma letra C, MC, um C reto pegando o lado da letra M e completando com C. MC73, MC74, MC75 eu não sabia o que era aquilo, mas achava legal. Tinha em tudo que era lugar que eu via e tinha aquelas insígnias. Daí eu botei uma vez 75 eu escrevi na dentro do colégio, lá dentro da sala da aula MC75. Dias depois, entra o sargento, um dia depois, sargento que era o nosso monitor na sala de aula, perguntando quem escreveu isso e tal. Não foi ninguém, não foi ninguém, daí eu fiquei quieto, e ele disse que isso aqui é movimento comunista é do movimento comunista quem tá escrevendo isso aqui está fazendo propaganda do movimento comunista então tem comunista dentro da sala, e tal. Claro que eu não sabia nem o que era comunismo para dizer a verdade, mas se isso é uma transgressão é um negócio legal. E tá. Comecei a escrever em tudo que era lugar do colégio MC73, 74, 77, 78 e parei depois. Mas porque era um movimento transgressor, né.

João:

[...] nós ficamos detidos, ou seja, o que que é detido, ficar a tarde toda três dentro de uma de aula porque algum colega nosso escreveu na parede MAC que eu não sabia que, que era naquela época, MAC, tu saberias dizer MAC e MR8, MAC Movimento Anticomunista e MR8 era Movimento Revolucionário 8 de Outubro, enfim, eu não sabia o que que era aquilo ali, o [] e o Pinheiro escreveram no quadro, na parede dos fundos da nossa sala, e nós ficamos detidos por causa disso aí.

Com relação às atividades que eram desenvolvidas para burlar as regras e desafiar a autoridade instaurada foram feitos vários relatos. Foram relatados os mais diversos tipos de brincadeiras e transgressões, desde as mais simples como colocar apelido nos professores e responsáveis pela disciplina, andar com o uniforme todo desajustado ou não cortar o cabelo, situações mais sérias como largar bombinhas nos banheiros e nas formaturas, largar bombinha de cheiro, fazer balburdia nas formaturas, “guerras de bexiguinhas”²², colocar nas paredes e no teto marcas de calçados, atrapalhar os desfiles trocando a cadência da marcha, jogar gatos

²² Pequenas bexigas cheias de água.

dentro da sala de aula, e casos graves com o roubo de vários tipos de objetos e o quase incêndio da biblioteca.

Pedro:

[...] eles se destacavam por fazer o oposto de tudo que era esperado deles, desde a apresentação do uniforme, corte de cabelo, limpeza do coturno, até a insubordinação em sala de aula, chegando ao ponto na minha memória, de eles terem conseguido fazer um comandante lá do grupo de artilharia, do qual nós fazemos parte, ter desistido da nossa formação militar, graças ao tipo de graça de humor que eles faziam, que era muito irreverente, muitíssimo irreverente. Eu me lembro até hoje do Paulo andando com os coturnos todos abertos, com os cadarços desamarrados, e uniforme todo desajustado, do Leo, eu me lembro do Leo, já falecido, várias vezes com cabelo e uma apresentação horrível, e sendo chamado atenção, e sendo marcado na caderneta, e provavelmente sendo punido por isso, e de outras coisas que os colegas já devem ter falado, de largar bombinhas em canhão, bombinhas em banheiro.

[...] Eu me lembro de vocês, umas das coisas que enlouqueceu aquele oficial, vocês todos entrando na boleia de um caminhão e batendo absurdamente o coturno no chão de madeira do caminhão e enlouquecendo o major, o capitão, sei lá o que que ele era.

[...] Bem uma das formas de indisciplina eram os apelidos que nós colocamos nos professores e nos oficiais. Tinha um oficial que era o Camarão, tinha professor que era Zé Galinha, tinha um professor civil de inglês que sofreu muito porque ele não tinha a estrutura para ser professor de um colégio militar, e até hoje tem uma foto em que está praticamente a turma inteira fazendo sinaizinhos nas costas dele, quase em cima dele, que se eu não me engano ele era dançarino, o que não era uma boa informação para conseguir ser respeitado pelos alunos do colégio militar.

[...] Me lembro também dos colegas subindo em cima dos canhões, bombinhas nos banheiros era uma coisa que acontecia, eventualmente soltar bombinha em banheiro, bomba de cheiro, eu me lembro, de vez em quando havia algumas organizações que ultrapassavam a salas de aula, ...

[...] e teve a grande manifestação no final do curso, quando eles liberaram o colégio para nós, no último [...] como é que é o nome que se dava aquilo? Que nós tínhamos acesso livre a todo o colégio, tanto que eu sentei, acho que eu sentei numa poltrona do comandante, não sei se o gabinete do comandante estava aberto, mas eu me lembro de sentar, eu tenho foto sentado em alguma poltrona de alguma mesa de alguma seção do colégio militar que estava entregue a nós. Eu me lembro de nós jogarmos uma bexiguinha no Major Ferreira, me lembro que a bexiguinha não pegou.

[...] Mas guerra de bexiguinha, nós fazíamos muita guerra de bexiguinha dentro do colégio e fora do colégio.

Tomé:

O que a gente fazia era marchar com passe errado. Nossos monitores enlouqueciam com a gente. Cobrir, então a gente cobria com braço curtinho para não ficar retinho as formaturas, cara eram umas maluquices, os caras vinham babando, os caras queriam te bater. Imagina os caras ficarem em forma, milico coisa mais bonitinha tudo retinho e a gente chegava com o coturno com a lingueta do coturno para fora. Os caras enlouqueciam, enlouqueciam.

[...] Eu dei essa bexigada no Ferreira, na festa de despedida do Colégio. A gente encheu a banda de bexigadas [...] Eu acertei.

Tiago:

Eu lembro que estava se aproximando último dia de aula, e o último dia de aula historicamente é um dia onde o pessoal do último ano pode fazer o que quiser, né é uma bagunça autorizada. [...] e a gente acabou se unindo e resolvemos criar um, algo que definisse mesmo a Legião da Desonra, e criamos um símbolo, e criamos umas camisetas feitas de sacos de linho, escrito Legião da Desonra – LD, e algum símbolo. E decidimos que no último dia a gente ia ter que participar, e fizemos essa vestimenta para os outros 11 ou 12 no total, não me lembro direito, levamos lá no dia e entregamos para as pessoas, não me lembro se na véspera ou no dia, e nos colocamos lá em prontidão para entrar na escola. Lembro também que cada um levou uma garrafa de champanhe, enfim, no final das contas nós acabamos sendo autorizados a entrar dentro da escola e fizemos uma grande festa, que quase saiu do controle, foi uma bagunça muito grande, inclusive incomodando alguns professores.

[...] Então a gente tinha, sob o ponto de vista de disciplina, alguns eram muito rígidos e alguns eram completamente permissivos. Então, esses obviamente sofriam nas nossas mãos, enquanto que os outros, que eram muito rígidos, a gente tentava desafiar um pouquinho, né, às vezes levávamos algumas punições sérias, nada de agressão física, nunca, mas sempre punições fora de sala de aula ...

André:

[...] eu recordo que usávamos várias táticas [em relação ao corte de cabelo]. Primeira tentar não deixar, deixar o cabelo menos curto que ele já era, óbvio que externamente não mudava nada, todo mundo parecia igual, mas ter cabelo com 3 mm a mais, achava que eu estava transgredindo.

[...] [durante a detenção] Eu pegava meu coturno eu tinha que estar com o uniforme, no nosso uniforme nós usávamos um coturno militar, uma calça, cinto, camisa, boina. E aí pegava aquele coturno, retirava, botava ele dentro de um cabo da vassoura, e o outro pé no outro cabo da vassoura e começávamos a caminhar pelas paredes. Então tinham aqueles pés subindo as paredes, os pés no teto. No outro dia quem é que caminhou, questionando a lei da gravidade com esses pés

marcados em toda a sala de aula, eram aqueles que tinham ficado detidos, mas é óbvio que ninguém foi.

[...] e lembro várias situações em que nós invadimos o colégio, roubávamos chaves de salas, e entrávamos em salas de estudos, em salas de secretaria, olhávamos os arquivos, roubamos bomba do colégio, roubamos armas, roubamos vários itens componentes militares, nós nos apropriamos, atirávamos pela janela lateral e saíamos sábado de tarde e ninguém imaginava, e a gente ia constituindo um acervo lá fora de itens do colégio, e bom, isso já faz quase 40 anos, então estes crimes já prescreveram todos, não tem problema nenhum a gente falar, mas até bomba, bomba de avião a gente roubou do colégio, vimos lá os documentos que falavam a respeito da gente, qual era a avaliação que tinha, o que que fez algo errado na avaliação de quem estava no comando, enfim, nos invadimos o sistema é como fazem os hackers hoje, é como faz um hacker hoje, nós entramos no sistema, fisicamente, entrávamos nas salas abríamos os arquivos, olhávamos os documentos, roubávamos os documentos que achávamos que não interessavam mais, e era uma forma que tínhamos de agir, começamos a descobrir que tínhamos uma identidade, agíamos em bando em grupo, e esse grupo, foi um grupo que nós constituímos depois [...]

[...] ou quando tinha um desfile que a gente ia dando o ritmo mais veloz ou mais lento para a marcha de todo mundo através do ritmo do prato. Quanto mais rápido tocava o prato, mais as pessoas tinham que correr e alunos pequenos lá no fim tinham que ficar correndo e a gente só ficava olhando a situação. Ou tocava mais lento e ficava fazendo com que tivesse colisão, os de trás batiam nos da frente. Era o jeito que a gente fazia também de brincar com o que a gente lidava lá que era a banda do colégio. [...] a gente ia reduzindo o ritmo ou aumentando o ritmo e botava todo mundo a correr ou se chocavam contra os outros ...

[...] [Durante o desfile do aniversário do CM , no ano seguinte ao da formatura] O que a gente conseguiu foi brigar, criar uma briga lá dentro do desfile, primeira vez que aconteceu aquilo, tinha um desfile no dia, nós reunimos os ex-alunos marchamos, terminou a marcha, quando passaram os alunos no ano seguinte nós criamos uma confusão tal que acabou o desfile com correria da Polícia do Exército correndo contra a gente, nós fugindo por dentro do colégio, e saindo do colégio correndo, de forma que nós passamos alguns anos com medo de passar ali na frente, [...]

Tiago:

Então, o dia que tinha que fazer revista de corte de cabelo, a gente fugia, ia se esconder no banheiro, se escondia na fila do dentista, a fila do dentista do Colégio Militar era enorme nesse dia. Eu lembro uma vez que a gente se escondeu até no sótão do banheiro, porque estava eu e mais alguns estamos com cabelo grande. Então tinha uma série de situações que a gente procurava, a gente tinha que usar muita

criatividade para burlar a disciplina, porque também porque tinha penalidades. A penalidade desde, aquela famosa detenção, onde você ficaria mais tempo ainda na escola numa sala fechada, à tarde, ou eventualmente num sábado ou no final de semana, né, até suspensão de 1, 2, 3 dias de aula, e a escola tinha um sistema de pontos perdidos, de faltas justificadas e não justificadas que tinham um limite, após o qual você estava automaticamente desligado, então, ou seja, tinha um sistema punitivo, que de uma certa maneira até incentivava um pouco esses desafios das regras, mas claramente a gente sentia isso.

[...] E aí teve essa história de que a gente passou a ter um pouco mais repressão, porque a turma começou a fazer uma série de coisas mais, de situações mais de bagunça e tal, mais fortes. Eu lembro de algumas histórias do tipo, tinham uns gatos, uma gata que deu cria que ficava lá na escola, e um dos nossos colegas pegou a gata e jogou dentro da aula, teve outros em que nós [...]

[...] pelo menos dois dias da semana, que a gente tinha que entrar em forma, marchar no entorno, por dentro do colégio, o comandante do colégio, ou alguns oficiais faziam um pequeno discurso sobre algumas coisas, e tal, e a gente programava bombas, aquelas bombinhas, que se comprava antigamente nos armazéns, e colocava dentro de latinhas para estourar na hora que o coronel ou o major fossem falar. Eu me lembro de um até hoje, que ainda bem que falhou, porque ele [o Comandante do Colégio] começou a falar nesse assunto quando estava previsto para estourar exatamente naquela hora, e a gente fazia elas com um detonador com Boa-Noite, cigarro, alguma coisa assim.

[...] Eu lembro uma vez que houve uma exposição de alguns artigos militares, e vários deles sumiram, digamos assim, foram tomados emprestados por alguns alunos, e sumiram, sumiram uma parte lá, alguns colegas levaram, e tal.

[...] Mas a situação mais engraçada, curiosa talvez desse momento, nós éramos muito ameaçados de que ia ter uma aula de sobrevivência na selva, “e vocês vão participar, e vai ser isso, vai ser aquilo”, e a aula de sobrevivência na selva final tinha uma história, se você caiu em um local e não tem nada para comer, de repente você acha um animal, você tem que..., esse animal no caso era uma galinha, talvez ele seja a tua única fonte de comida por vários dias. Então a aula de como você poderia tirar o máximo proveito daquele ser ali, sem saber quando é que você iria comer de novo. E uma das instruções é que você tinha que sugar o sangue da galinha, e para fazer isso você não podia torcer o pescoço dela sangue dela porque o sangue coagulava. Então alguém tinha que matar a galinha a dentada para você chupar o sangue dela e depois cortar em Y para arrancar os miúdos. E aquela história, é uma história que ao longo do ano, vários vinham falando: vou te pegar, vou te fazer pegar a galinha, e vários de nós ali da Legião da Desonra estávamos ameaçados de ser a pessoa que ia ter que matar a galinha a dentada. E o que aconteceu, na hora o monitor levantou a galinha, e vamos escolher uma pessoa para isso, eu acho que uns quatro, cinco ou seis de nós fomos até a galinha e matamos a

galinha a dentadas, mas estava todo mundo sujo, cara foi um negócio nojento, mas eu acho que nunca uma galinha morreu tão rápido, foi dentada no pescoço, na perna, na barriga. Eles iam fazer uma outra com um coelho, mas acabaram suspendendo.

[...] teve situações de... coisas completamente fora do que você pode imaginar, de brincadeiras saudáveis, de pegar uma mangueira e jogar dentro do bar, teve um trabalho que tinha que ser feito na biblioteca, de um determinado livro, daí alguém rasgou a folha do livro e depois acabou botando fogo no livro para evitar que fosse, que alguém fosse procurar, e o fogo lá no livro acabou meio que saindo fora do controle, quase tocaram fogo na biblioteca sem querer.

João, todavia apresenta uma versão um pouco diferente quanto ao fogo na biblioteca:

Ele estava comigo, ele estava comigo. Eu estava do lado do Filho, e ele chegou e disse olha aqui Paulo, riscou o fósforo e tocou no jornal, começou a dar labaredas, labaredas dentro da biblioteca. A biblioteca tinha dois ambientes, a parte de baixo e a parte de cima. Tu te lembra? Os jornais que ficavam debaixo de uma escada [...] como o fundador²³, no meu aspecto de ver, tinha uma soberba, uma como é que chama aquilo que a gente tem, uma necessidade de aparecer, [...] ele tinha todo o aspecto, ele tinha que ser o presidente, ele tinha que conduzir a condição. Então o processo que ele queria, no meu aspecto de dizer assim oh, aparecer, ele queria mostrar que ele podia [...]

Quanto à questão da cola, a mesma era tratada com muita seriedade pela instituição. Se algum aluno fosse pego colando poderia até ser expulso do colégio. Além disto, havia a permanente doutrinação de que colar era errado e que pessoas de boa moral e ética não colariam, sem contar das inúmeras vezes em que foi citado que os alunos da Academia de Agulhas Negras faziam provas sem que qualquer pessoa os vigiasse. Todavia, a situação da cola tinha uma outra visão por parte de alguns alunos. Além do relato da existência de muita cola por parte dos alunos, a mesma era vista como mais um processo de transgressão das regras estabelecidas.

Pedro:

Tinha muita cola, tinha muita cola, tinha colegas que elaboravam sistemas complexos para conseguir cola de alguma forma, tinha muita cola.

André:

²³ Esse colega se dizia fundador da Legião da Desonra.

E enfim, não precisa dizer que colar dentro do colégio era um uso não só era transgressão como era apropriação indébita de informação por parte da gente e de outros amigos, e o uso de tecnologias novas né, sejam quais fossem: escrever em papelzinho, botar na perna, botar no quadro negro, de forma que deixava códigos escritos que ninguém sabia o que queria dizer, e estava lá as respostas de várias perguntas, enfim a gente usava várias formas, dos clássicos papezinhos que ficavam nas mangas, a gente sempre usava camisas de mangas cumpridas no verão e inverno, então tu botava um papelzinho dentro da manga era muito fácil, escrever no punho também era fácil. Eram formas que a gente agir como forma de transgredir a disciplina, numa idade mais fácil, numa idade que é comum mesmo a gente fazer ações transgressoras, só de teste até onde a gente pode ir, teste para a adolescência [...]

Tiago:

E essa questão escolar, também, da questão didática, do currículo, acho também que acabaram aproximando, porque tinha uma série de desafios, e a gente se juntava, ou para enfrentar ou para burlar, através, não sei se alguém falou disso aqui, mas, o pessoal colava mesmo, o pessoal colava no sentido de, eu acho que o mais era do desafio do que tentar colar ou de conseguir colar, de alguma coisa, em alguma prova, alguns por necessidade, mas muitos pelo desafio. Eu lembro que eu era muito requisitado nos dias de prova, em algumas matérias que eu tinha uma certa facilidade, então tinha lá uma concorrência para sentar bem perto e eu, ao mesmo tempo me sentia incentivado a prover informações para os colegas. Eu não acho que isso foi determinante na aprovação ou não aprovação de alguns, mas era muito mais, de novo, no sentido de desafiar essas regras, tal.

Filipe:

[...] porque o Melsom sentava na frente, eu sentava no meio, e o Jorge atrás, o Melsom era uma fonte de informação.

Uma outra situação narrada refere-se à destruição do campo de instrução onde os alunos do Curso de Formação de Reservistas (CFR) iriam realizar suas atividades. Os alunos conheciam a localização deste campo de instrução

André:

Entramos e destruimos esse campo de rastejamento todo, fomos na área dos barrancos e derrubamos os barrancos, fomos, entramos nas cavernas, nesses buracos, aliás alto risco de desmoronamentos, desmoronamos esses túneis, podíamos ter ficado por ali inclusive, ninguém ia saber que a gente tinha passado ali e nem iam nos descobrir depois, porque destruimos de uma forma muito inconsequente, trazendo risco físico para a gente. Mas em fim, na

véspera eles foram lá, os oficiais, foram lá para preparar o terreno para levar no dia seguinte os alunos. Eis que no dia da instrução foi suspensa, porque teve um problema no local do parque Sant Hilaire. Ninguém falou né, nós sabíamos, entre nós sabíamos o que que tinha acontecido, o campo de instrução estava destruído. Na semana seguinte a gente foi para outro campo lá na região de Viamão e fizemos o acampamento lá.

Um dos relatos que é referido por vários alunos é a denominada “greve da Jujuba”. Jujuba é um tipo de bala que era comercializada no bar do colégio, e que em determinado momento sofreu um aumento de preço, fato que não foi aceito pelos alunos. Os alunos da Legião da Desonra organizaram um movimento de boicote às compras no bar da escola, onde os alunos compravam seus lanches durante os intervalos. O acesso foi bloqueado por dois alunos que eram remadores e ninguém conseguia entrar no bar. A greve foi um sucesso e o responsável pelo restabeleceu o preço da bala Jujuba. Este foi um movimento grevista, num período de repressão, dentro de um estabelecimento militar.

André:

A jujuba custava sei lá, 50 centavos e num dado momento eles aumentaram parece para um, aumento de 50%, num período de carestia, de inflação alta, foi o movimento para suspender essa venda. Daí vários ali se articularam tinham alguns alunos que eram remadores, que tinham braços fortes, eu me lembro do Carlos e do Ricardo, então acertaram com eles que iam fechar o bar. Os dois ficaram na porta - greve da jujuba – ninguém compra, ninguém compra, ninguém conseguia entrar no bar. Primeiro dia, primeiro intervalo, confusão geral. Sei que lá adiante eles resolveram baixar de novo o preço da jujuba para 50 centavos. Jujuba era balinha colorida, doce, tal. Eu lembro disso. Eu não participei desse movimento, mas eu lembro que ele aconteceu, que atingiu muita gente e tal [...]

Pedro:

[A greve da Jujuba] foi um marco na história da Resistência espontânea dos alunos dos meus colegas e foi patrocinado pela Legião da Desonra, e que eu considero, realmente, o simples fato de algum dizer a palavra greve dentro de uma instituição como o Colégio Militar nos anos 70 me parece algo sui generis, não só pronunciar a palavra greve como fizeram o movimento muito bem-sucedido que nos permitiu continuarmos comendo jujuba ao devolver a garrafa de refrigerante. Eu me lembro da figura do dono do bar na beira, um senhor gordo de grande volume, saindo na porta e capitulando e aceitando a reivindicação de entregar um pacotinho minúsculo de jujuba na devolução do casco do refrigerante.

Tiago:

[...] e a greve que nós fizemos no bar da escola, porque o dono do bar aumentou o preço da Jujuba, que era uma balinha que todo mundo comprava em troca, quando tomava um refrigerante e devolvia o casco. E aí eu acho que nós fizemos a primeira greve da ditadura, dentro de um estabelecimento militar. Pensando hoje em dia é uma coisa completamente doida, mas o fato é que a gente não deixou ninguém entrar dentro do bar, até que o preço voltasse ao preço anterior. Eu tenho imagens dessa situação com dois colegas nossos, que eram remadores, que ficaram na porta do bar e ninguém entrava ali. Então, no final, a greve teve amplo sucesso, o preço voltou ao original.

João:

[...] nós fomos para, para a frente do bar reivindicar uma situação que tinha sido aumentado a Jujuba, para nós baixamos a Jujuba, o valor da Jujuba, da bala Jujuba. Quem é que fazia isso na época? Ninguém fazia, ninguém fazia, ninguém sabia que que era reivindicar, ...

Uma das causas para estes tipos de atitudes também poderia estar relacionada ao rigorismo adotado por alguns professores, conforme relatado:

André:

[o professor] me botou para fora de aula uma vez porque eu fiz uma piada, que ele estava contando as notas musicais ele contava tal nota mi, fá, sol e tal, tinha a clave de sol, ele mostrando a gente tinha que dizer o que que era de mi para sol, daí ele disse, sol pra... e eu gritei lua e daí ele rimou e tu prá rua, aí, eu tá, fui para rua. Um guri lá de 11 anos de idade, sofrendo porque eu tinha feito piadinha, essa brincadeira, ele ficou atravessado em mim e aí um tempo depois ele passou por mim como eu disse e eu gritei, disse que ele tinha me agredido, aí meu pai foi chamado, testemunhas foram chamadas, daí um outro colega disse que viu, ficou uma situação meio constrangedora pro professor. Daí em diante ele me tratou bem e eu vi que um jeito de não deixarem eles tomarem conta.

[...] Mas ele era uma pessoa [Coronel Justiniano] que eu tinha medo, como todo mundo, que todos nós tínhamos medo porque achávamos ele um cara, que já era mais velho, muito velho, talvez tivesse perto dos cinquenta anos, mas na época achávamos muito velho e muito duro, então ele foi a primeira pessoa que eu lembro, assim. Ele é muito ríspido, muito rígido, muito duro. Segundo, que eu lembro de militar ríspido, rígido era o sargento Tainha. Eu tinha medo dele. Ele nunca foi sargento da minha turma em nenhum momento. Muito rígido, e ríspido conosco. Eu tinha medo deste e tinha também do, achava rígido demais o tenente Claro, e o mais de todos, o major Ferreira, que era o comandante da Companhia de Alunos, que ele nos batava no chão, assim. Nós éramos chinelão, chinelagem, piazada que, portanto, por ser guri tinha que ouvir, tinha que obedecer.

Há também a situação de um professor ser trancado na sala de aula, como reação ao fato de ele utilizar todo o período de recreio dos alunos. Há vários relatos sobre este fato, e pode ser visto como uma reação a um autoritarismo que não era aceito pelos alunos. Após este acontecimento o professor passou a respeitar os intervalos de recreio:

André:

Aí eu fui destacado para trancar o professor, então com os alunos dentro. Todas as portas tinham cadeado. Então a minha missão era pegar um cadeado aberto, peguei, aí depois era colocar na porta. Então eu saí de uma sala de aula para ir ao banheiro, com o cadeado grande aberto no meu bolso, do outro lado estava o professor de Moral e Cívica dando aula e o que tinha que fazer era trancá-lo. Ele estava por acaso com a porta fechada naquele momento, eu fui ali e tranquei e comecei a cantar aquela música: caía a tarde feito um viaduto e acho que era assim a letra, e eu passei cantando aquela música do, acho que era do Aldir Blanc, que a Elis Regina contava, passei ali, cantei e seguí, fui no banheiro, voltei e, entrei na sala, intervalo, começou a se instalar a confusão, a aquela gritaria dentro da aula, o professor urrando de raiva, não tendo como tirar os alunos de dentro da sala, uma confusão até conseguirem arrombar a porta e tirarem todos de lá [...]

Pedro:

Eu me lembro de uma vez, em sala de aula, que eu acho que foi um deles, um de seus membros subversivos inconsequentes trancou, fechou com cadeado a sala onde eu tinha aula onde eu tinha geografia ou se não me engano de OSPB e o professor ficou trancado desesperado, tentando sair, e eu me lembro da cara de desespero do professor tentando sair [...]

Tiago:

Tinha um professor, que era um professor que dava aula de Organização Social e Política Brasileira, em pleno 1979, para alunos de terceiro ano do segundo grau com 17, 18, 19 e até 20 anos com um grau um pouco mais de consciência do que estava passando no país, e o diálogo era quase nenhum, porque o que ele ensinava lá era a Constituição de 69, 67, 67 e sem, e sem muito espaço para o diálogo, então teve vários embates na aula com esse professor com diferentes alunos. Eu mesmo fui posto para fora da sala de aula, pelo menos umas duas vezes, por ousar questionar determinadas coisas. E aí em uma das situações, ele estava dando aula, ele também tinha o costume de avançar no período de recreio, às vezes, então pegamos, pegamos um cadeado e trancamos ele dentro da sala, junto com os outros alunos e ficou todo mundo do lado de fora zoando, digamos assim, o professor tentando sair de dentro da aula e ao mesmo tempo, o pessoal de dentro da aula também. Ele ficou muito, muito bravo, e as salas de

aula, que davam para a rua tinham barras de ferro, e para a parte de dentro da arcada tinha umas pequenas venezianas, janelinhas assim, então era uma clausura.

Filipe:

[...] uma vez nós trancamos o major Gasalo numa sala de aula jogaram uma bexiguinha, ele berrava. Até mexiam com ele chamavam meu nome é Gaaal. Prender um professor de OSPB na época no auge da ditadura que diziam né que o cara berrava que nem um louco e a turma rindo ali fora.

Uma outra situação também muito comentada, e que foi um dos pontos de partida deste trabalho foi a censura realizada nas fotografias dos alunos na Revista Hyloea – 79. Aqui os alunos relatam como foi possível que alguns exemplares escapassem a este processo de “ocultação das imagens” e a opinião atual sobre as fotos que foram tiradas na época. No Anexo B são apresentadas todas as fotografias que foram objeto de censura na Revista Hyloea – 79. Cabe observar, que apesar das imagens serem censuradas, não houve qualquer tipo de censura aos textos que estavam junto às imagens. Textos que conforme vimos, alguns referiam-se à Legião da Desonra.

Tiago:

Naquele ano nosso grupo se envolveu nos textos, nas fotos, na diagramação da revista e tudo mais, e cada um dos alunos têm uma foto tipo assim de perfil e uma outra foto a escolher, e vários tiraram fotos em locais teoricamente chamados de proibidos, tipo em cima do canhão, em cima do busto do Duque de Caxias, o patrono do exército, e tal, e essa história muito interessante porque a revista terminou de ser diagramada e nós mandamos para a impressão, e ao invés de imprimir somente uma prova para ser aprovada, nós acabamos imprimindo umas 30 revistas, ou o primeiro lote dela. E íamos começar a distribuir quando venho a ordem de que a prova tinha sido rejeitada, acho que pelo major que cuidava do Corpo de Alunos na época, porque algumas dessas fotos feriam, sei lá, o estatuto militar ou que eram ofensivas de alguma maneira às pessoas que estavam representadas ali ou à instituição exército. E essas revistas que foram impressas, elas estavam comigo, na minha casa, e aí quando nós soubemos disso eu saí da escola e fui para casa porque, eu sei lá, achei que fossem pedir de volta. Então em casa, quando o porteiro que bate no prédio e diz que tem um veículo militar que tinha ido até a minha casa, e eles estavam me chamando, e aí meu pai, por sorte ele estava em casa, porque ele sempre ia almoçar em casa, eu disse pô pai eu acho que vieram recolher as revistas assim, assim, a gente imprimiu, mas... e o meu pai naquela época foi totalmente ao meu apoio, desceu lá, falou com eles e disse que não tinha revista nenhuma, que não ia

deixar eles entrarem na minha casa, na casa dele na época, e que ele tinha perguntado para mim e que eu tinha dito para ele que nós não tínhamos impresso nenhuma, que todas as revistas tinham ficado na escola, ou que se tivesse alguma coisa ele mesmo faria o compromisso de jogar fora. E com isso ficaram aí algumas edições não censuradas na revista nossa de formatura. Eu particularmente acho uma bobagem essa história de que estava denegrindo a imagem de quem quer que seja, ou do exército brasileiro, porque nós estávamos falando, no final das contas, de um grupo de adolescentes que estavam lá tentando refletir da sua melhor maneira aquele tempo no colégio militar, e a foto que escolheu foi aquela. Mas enfim, é questão de visão, mas o fato é que a gente acabou ficando aí com essa história e também com algumas revistas da versão não censuradas. As revistas foram censuradas da maneira mais ogra possível com um carimbo em cima das fotos e depois foram distribuídos para todos os outros alunos, os pais, os responsáveis e tal. Então eu acho foi mais uma história que ficou no folclore do nosso tempo lá no colégio militar.

André:

E para essa revista tinha sempre uma foto formal e uma foto informal. Foto formal era aquela de, sem a boina, com uniforme, olhando para a câmera, todos nós. E a informal era numa cena aleatória ali. Em qualquer momento. A minha eu consegui encontrar uma foto minha lá no meio de outros tantos colegas, mas vários de nós nos preparamos, lá dessa turma, grupo da Legião da Desonra para tirar uma foto transgressora para variar né? Qual foi a transgressão? Bom, vamos subir no busto do Osório, ou montar nos ombros dele e ficar sentados ali. Vários tiraram essa foto. Foi impressa a revista, quando venho a revista para o comando começaram a distribuição e logo o comandante olhou e viu aquele monte piá lá pendurado no busto do Osório, rindo né. Recolhe todas. Tinha uma meia dúzia que já tinham sido resgatadas, que já tinham sido distribuídas, mas todo mundo devolveu a sua, e eles iam impedir a distribuição da revista. A solução que eles encontraram foi, carimba, bota um carimbão em cima das fotos. Então as revistas foram todas distribuídas com carimbo, salvo algumas que estavam na casa de uma pessoa ou de outra, em que foram buscar inclusive com viatura militar na casa dessas pessoas. Entregaram e ficaram ali uma meia dúzia de exemplares sem carimbo, e que tem até hoje, alguns poucos guardaram as revistas libertadas, liberadas dos transgressores. É isso que eu sei. Então em princípio era transgredir em função da rigidez.

João:

Então aquilo foi em 79, 80, imagina o seguinte quem já era, ainda [] que eu vou falar, nós estávamos vivendo não o ápice da ditadura, mas era ainda era forte a ditadura, porque em 81, cara, [...] Então assim, tu vê assim, como é que tu queres, assim ó, dentro de um processo militar, cara, que o cara montava em cima busto do Bento Gonçalves teria um aspecto de legal, cara. Eu acho que era uma coisa de época,

até mesmo hoje isso não seria uma coisa de muita elegância, montar em cima do Bento Gonçalves, tu achas normal tirar uma foto com a sua revista acorçado em cima do Bento Gonçalves, em cima de um caminhão, por exemplo, eu acho que foi certo aquilo ali, porque a nossa infantilidade de mostrar o nosso sentimento, cara, tá legal, fez com que a gente tomasse situações descabidas, [...] eu tirei foto em cima do busto do Bento Gonçalves, do Osório, mas eu acho que eu não tiraria hoje. Eu acho errado é uma questão infantil, uma questão infantil.

Filipe:

Então para tu veres houve sanção na nossa Revista daquelas pessoas que se sobressaíram na indisciplina, [...] [na revista] Tem várias carimbadas, censuradas. Eu tenho um amigo que tem uma que não é censurada. [...] eles não mereciam isso no meu modo de entender [ter as fotos censuradas]. Eu acho que alguma coisa influenciou a fazer isso. Pode ser o regime militar da época. O militar estava no auge, se o major ou Comandante Corpo de Alunos fizesse alguma coisa ele estava no direito dele, ele achava, então, ele mandava fazer e não tinha quem não fizesse. Agora não foi justo ao meu modo de entender, não foi justo, mas o quê que havia na época nós não podíamos dizer nada.

Outro fato relevante diz respeito ao nome da turma. Segundo alguns alunos o nome da turma “Plácido de Castro” teria perdido a eleição da escolha para turma “Bento Gonçalves”, e por alguma razão este nome não foi adotado.

André:

Eu me lembro nós íamos lá no salão, chamado Salão Brasil, todos os alunos e os professores levaram lá, os comandantes levaram algumas opções. Uma dela eu lembro era Tucuruí, em homenagem à hidroelétrica de Tucuruí que estava sendo construída. E que era uma barbaridade aquilo. Outra foi essa aí, Plácido de Castro. Lembro que alguém propôs que fosse Bento Gonçalves. Bom eu vou contar bem assim, eu não sabia quem era Bento Gonçalves. Sabia que era um líder da Revolução Farroupilha e tal, achava que era, mas não tinha certeza. A gente não estudou a Revolução Farroupilha. Mas pensei, bom era contra o governo central, bom talvez seja. Então nós criamos um movimento prá que não fosse Plácido de Castro, ou melhor que fosse Bento Gonçalves né. E ganhou Bento Gonçalves. Aí foi vetado e aí apareceu lá, eu não recordo se talvez alguém lembre com detalhes, e virou turma Plácido de Castro

Tiago:

Então a escolha do nome da turma era algo que acontecia todo ano, a turma que ia se formar tinha que escolher o seu nome, eu lembro que nós fizemos campanha para o nome de Bento Gonçalves, não sei se

todos tinham essa visão que na verdade ele era um revolucionário, sob a ótica de algumas pessoas do exército brasileiro, pois foi o líder da Revolução Farroupilha, mas claramente um personagem com o qual os gaúchos são muito identificados. Tem cidade chamada de Bento Gonçalves, tem ruas, tem vários locais que têm homenagens a Bento Gonçalves, e nós achamos que ele representava um pouco desse espírito revolucionário que nós temos dentro da turma, não revolucionário do ponto de vista de revolução política, muito mais revolucionária ponto de vista daquele sentimento que nós tínhamos de muita luta contra o sistema escolar. Houve uma eleição, massivamente votou-se a favor do nome de Bento Gonçalves. Eu lembro também que tinha uma frase que a gente poderia sugerir, que seria inscrita junto ao nome da turma, na verdade toda turma tem uma placa feita de pedra que está incrustada na parede das arcadas do Colégio Militar, então geralmente vem uma frase também, a gente tinha sugerido e se não me engano a turma decidiu por uma frase que dizia mais ou menos assim: porque ficar de braços cruzados se o maior personagem da história morreu de braços abertos. Tanto a frase como o nome foram considerados, talvez meio, inadequados inapropriados, e aí houve uma lista tríplice com outros dois nomes, que tenham sido indicados, não sei bem por quem, mas certamente por alunos lá Legião de Honra, ou algo assim, que tiveram muito pouca votação, que foi Tucuruí, que era uma usina construída lá pelos militares e Plácido de Castro, que nós só viemos a saber depois que foi a pessoa que desbravou a Amazônia, mas que pouquíssima gente, eu certamente não conhecia esse personagem na história do Brasil. E aí para nossa surpresa quando voltou a aprovação do nome de Plácido de Castro como nome da nossa turma, mas a turma, ela de coração, genuinamente, chama-se Bento Gonçalves.

João:

É que já existia, a turma Bento Gonçalves não foi vetada. Se tu fores no Colégio Militar anterior nosso existia uma turma Bento Gonçalves. Não é pelo processo, de Bento Gonçalves tinha um processo esquerdista, não foi por isso. Teve uma turma Bento Gonçalves no colégio, inclusive, cara, a nossa turma, tu sabes que o Plácido de Castro foi que anexou o Acre.

Ao longo das entrevistas ocorreram relatos do que hoje é denominado bullying, por parte de alunos, professores e monitores. Além disto, os próprios alunos, de uma forma geral, sentiam-se sofrendo bullying em função de serem pequenos, de terem de usar cabelo muito curto, em uma época que estava na moda o cabelo comprido, e ainda terem de utilizar um uniforme que era parecido com o dos antigos vendedores de balas nos cinemas. Era comum serem chamados de baleiros e a sigla do CMPA ser denominada de “chocolate, mandolante, pirulito e amendoim”. Uma reclamação recorrente foi a falta de apoio pedagógico aos alunos

que apresentavam dificuldade cognitivas. Eles tinham que se virarem sozinhos, sem um apoio formal do colégio. Hoje o bullying está definido pela Lei Federal nº 13.185/2015, reproduzida no Anexo 1, mas na época era visto como brincadeira, ou falta de pedagogia. Hoje estes alunos consideram totalmente reprovável às atitudes daquela época.

Pedro:

Tem um colega, que eu não vou mencionar o nome, que eu não sei como sobreviveu no colégio, porque ele era sistematicamente, quase que abusado, quase que abusado. Não que ele fosse homossexual, mas ele foi tirado para courinho, e durante muitos anos ele foi, ele sofreu o que hoje em dia nós chamamos de bullying, mas numa escala assim absurda, que hoje em dia daria margem a internação de muitos dos meus colegas. Eu me lembro de coisas muito horríveis em relação a esse rapaz, e apesar de nunca ter participado, eu acho, mas é aquele tipo de situação onde alguém acaba ocupando a posição de algo coletivo, e quem não participava disso, não fazia nada, ou se fazia se limitava a comentários, mas nunca houve denúncia para sargentos ou para oficiais.

[...] Tinham uns professores que eram mais grosseiros, estúpidos, mas nós estávamos em uma instituição militar, é muito difícil, eu acho, numa instituição aonde a gente podia ser alvo de gritos de um sargento porque estávamos desalinhados em uma fileira, é muito difícil discernir entre isto e um excesso de um professor dentro de sala de aula.

[...] eu me lembro que a gente fazia sacanagem no terceiro ano, a gente pegava os gurizinhos da quinta série, botávamos para arremessar e jogávamos para cima, a gente chamava aquilo que estresse, e aí, para sair a gente puxava a calça do menino e jogava para fora da sala, no pátio. Isso era brincadeira que a gente julgava saldável.

[...] Até aquilo que tu relataste, as brincadeiras da gente hoje seriam totalmente reprováveis.

[...] Hoje, boa parte, boa parte de nós estaríamos fazendo algum processo de terapia por causa das coisas que aconteceram lá dentro, talvez, para alguns colegas que tenha sido muito ruim isso, que não conseguiram lidar com essa disciplina extrema. Penso em alguns colegas que tiveram problemas depois.

[...] É eu acho que sim. Eu me lembro que às vezes ele tentava reagir e assim vinha, mas era assim um bolo às vezes. Não sei como é que funciona hoje em dia, mas havia muito daquele negócio de passar a mão na bunda um do outro. Ah, aquele passou a mão na minha bunda, tu passas a mão na bunda dele! Mas assim uma massa, ele era agarrado, era agarrado e os caras enfiavam a mão nele, e às vezes sim, ele reagiria, mas assim era uma coisa absurda, absurda.

[...] mas às vezes ele também era chato, então era alguém que não conseguiu se inserir dentro de um grupo talvez, porque ao contrário desses outros colegas mais afetados, esses eram integrados, [...]

André:

Lembro quando eu ingressei, foi em 1971 e meus colegas, meus amigos, eles começaram a ter um cabelo que começou a crescer, todos nós até então usávamos cabelo curto. As crianças, os guris começaram todos a ficar com o cabelo comprido, e nós éramos os únicos tínhamos cabelos curtos. Não precisava utilizar o uniforme do colégio para saber que éramos alunos do CM. Isso transcorreu lá em todos os 9 anos a moda 100% de pessoas, 100% dos guris, dos jovens usavam cabelos compridos. 100% não, porque nós não usávamos. E detalhe é que quando saímos do CM a moda do cabelo comprido passou, e aí nós começamos a usar cabelo comprido e muita gente começou a cortar o cabelo. Então, nós perdemos o bonde da história na adolescência, num momento bastante crítico, e essa questão do cabelo é um bom exemplo assim da disciplina e como se indisciplinar.

[...] Principalmente físico. Lembro várias vezes que um puxava num braço e outro puxava noutro, rapidamente, e eu tinha uma distensão, inclusive de plexo nervoso, havia, ficava com os braços dormentes sem poder mexer os dois braços porque tinha sofrido um trauma ali, ou seja um, dois, três e puf, os dois puxam os braços, cada um para um lado, com toda a força. Então, nós tínhamos isso aí, tínhamos, éramos baixinhos. Ser baixinho nunca era legal, ser careca não é legal, baixinho e careca é ruim, né? Nós sofriamos, nós éramos abalados fisicamente e emocionalmente cotidianamente. Os professores eram muito rígidos, diziam olha tu vais dar a primeira volta na pista, então teu ano no colégio era assim, tu tens que dar cinco voltas, cada volta equivale a um bimestre, se na primeira volta tu for mal vão parar e te ajudar em português, em matemática, em história, em geografia. Se na segunda volta tu estás mancando aí já vão ficar te olhando. Na terceira volta nós vamos te abandonar. Era isso assim, não existia o compromisso por parte do colégio de dizer assim, não, se este aluno não está legal nós vamos apoiá-lo para ele seguir bem. Não, em geral, é o seguinte, tu não estás bem, tu vais seguir mal e cada vez tu vais ficar mais isolado. É essa a lógica. Então facilmente alunos sofriam discriminação lá dentro, seja por ter dificuldades nas matérias, seja porque fisicamente tenham menor compleição, sejam porque alguns eram internos e sofriam bullying de nós que não éramos.

[...] Haviam vários, vários elementos, vou te dizer o seguinte, talvez um que não aparecesse e no colégio tinha um caráter até positivo era do ponto de vista financeiro ali a gente tinha filhos de sargentos e filhos líderes de grandes companhias industriais do Brasil, de Porto Alegre, que eram de importância nacional, e conviviam e iam na casa do outro e tal. Hoje não existe isso, hoje as pessoas não se conversam, sequer se conhecem. E nós tínhamos essa realidade. Eu me lembro lá, tínhamos, exatamente o exemplo que eu dei, vou dar o exemplo das empresas e não das pessoas. Eu lembro tinham líderes, pais líderes de

companhia de expressão internacional e filhos que conviviam com outros, que iam na casa de outros que eram pobres, e pronto, e hoje isso não acontece. Então esse talvez, salvo que se estiver enganado, mas eu não enxergava pelo menos esse bullying econômico, mas os demais existiam.

[...] Quem era bom aluno era levado para cima, era paparicado entre aspas, o aluno médio ignorado, o aluno ruim, que não estava bem, era empurrado para baixo. Essa era a sensação que eu tinha. Não era assim, ah o mal aluno, o aluno que está legal vou tentar fazer ele melhorar, eu não enxergava isso. Enxergava sempre o estímulo ao excelente aluno. Tinham professores que eram ríspidos demais, de bater com a vara que eles utilizavam sobre a mesa, de gritar, de chamar um aluno de panaca, de negro burro, de cego. Lembro disso, entrava na sala de aula e já chamava o aluno pejorativamente tal apelido, isso não era raro, e eram professores que a gente ria, a gente ria dessa situação. Mas acho que era uma didática meio imprópria assim na minha visão de hoje. E mais, do ponto de vista, vamos dizer assim, disciplinar, que eu acho que me marcava mais, militares e opiniões deles. Agora, era muito variado, vamos dizer assim, a categoria deles, a capacidade desses professores, bem variada.

Tiago:

Na época se usava cabelo comprido, o Colégio Militar era a única escola que não era, uma das únicas que não era mista, então o fato de se ter uma escola que tinha que usar uniforme, onde hoje chamariam bullying, a gente sofria bullying na rua por usar aqueles uniformes, nos chamavam de baleiros, por eram parecidos com os uniformes das pessoas que vendiam bala no cinema. Como usar o cabelo curto, no colégio que era só de meninos, tal, isso para mim era algo que era bastante desconfortável.

[...] eu mesmo tive uma situação pessoal, eu estava na sexta série, tinha, sei lá, uns 12 anos e tive que usar um tapa olho, no olho, por uma orientação médica, por questão de estrabismo e tal, e o professor mandou tirar aquela coisa do olho porque eu estava fazendo ele de palhaço, me mandou para fora da aula porque eu estava usando algo com recomendação médica, meu pai foi na escola, minha mãe foi na escola, e aí ele temporizou, brincou, disse que eu tinha entendido mal, e dali para frente começou a me chamar, no ano inteiro, de burro A, ou seja continuou fazendo o bullying direto, e ele era um cara com uma atitude na aula, que eu não imagino essa pessoa, esse ser, dando aula em qualquer outro lugar hoje na atual conjuntura.

[...] Certamente existia, tinha um colega nosso que tinha as orelhas mais avantajadas, de abano, era chamada de Dumbo. Tinha bullying sim entre alunos. Eu acho que você ao formar grupos, de uma certa maneira se protegia desses bullyings também, porque o bullying de um grupo para outro grupo é mais fácil de se lidar com isso. Todos nós tínhamos apelidos, e tinha certamente bullying. Eu lembro de um colega nosso que não foi até o final, no científico, o [], que tinha,

que tinha, não vou dizer problemas mentais, ele ficava fora do ar, e o pessoal fazia muito bullying com ele. Tem várias situações de bullying, algumas que não chamaria tão de bullying, era mais brincadeiras, não tão sadias, mas não se daria um bullying frequente. Mas eu lembro especificamente desse colega que tinha as orelhas de abano, e vários, eu inclusive, fazíamos um pouco de bullying com ele. E às vezes estava associada a reação também, se a reação do colega fosse uma reação forte, aí mesmo que ficava pior. Mas eu lembro de muito bullying dos sargentos, com alguns alunos que não, sei lá, que não estavam sempre com o uniforme sem estar impecável, com os coturnos sujos, com o cinto sujo, com o cabelo grande. Mas entre nós eu acho tinha um pouco também. Tinha muito apelido, um falava para o outro, e aí... tínhamos um colega que era baixinho, bem baixinho, e todo mundo chamava ele de Tatu, por causa daquele seriado lá da Ilha da Fantasia. Tinha um colega que tinha um pouco mais de anos de diferença de nós, e ele era o véio, o véio, o véio. Então onde é que está a fronteira entre o apelido e o bullying, como na época bullying não era um termo que a gente usava, é difícil de se saber hoje em dia.

João:

Muito, muito. [...] Quando tu entraste do Colégio Militar no quinto ano primário, um colega que eu posso até citar o nome dele, Peter, que é meu amigo, um bom amigo hoje, ele pegava muito no teu pé, tá legal, pegava muito no teu pé. Eu até eu me lembro que eu até me aproximei bastante naquele momento tu vai se lembrar, até porque... Eu acho que eu, não sei se eu tinha essa noção do que era bullying, porque bullying é uma palavra moderna, [...] E eu como era mais novo, aquilo que eu te falei, eu era três anos mais novo que a maioria das pessoas ali, eu era muito baixinho, muito franzino, cara, e eles pegavam muito no meu pé também, tá legal, eu era muito excluído, eu sempre gostei de jogar futebol, cara, eu era muito excluído no aspecto do futebol, cara, por isso, por isso.

[...] É isso que eu te falo, repetidamente as pessoas, primeiro as pessoas excluía, excluía os colegas, para tu veres como a coisa não é tão moderna assim, hoje quando tu vês um garoto ser excluído porque não tem celular da época, da moda, naquela época, eu me lembro que o Peter pegou no teu pé, talvez tu nem te lembravas por causa do teu coturno. Tu não te lembravas disso? [] por causa do teu coturno, tu não te lembravas? Tu tinhas um coturno diferente, tá legal, e aí assim, cara, tu eras excluído daquele processo, tu não criavas amizades, haja vista, porque tu tinhas um coturno diferente, tu eras baixinho, tu eras isso, tu eras aquilo, então tu eras excluído, correto. E como aquilo, assim, se tu começas a se observar, o Eduardo, o Melsom, o Eduardo até era mais alto, mas eu e o Melsom éramos baixinhos então a gente começava a se unir como força, como força, não como processo de ter o mesmo sentimento, mas como força, né. O Filho era baixinho, também, tá legal, então isso fazia com que nos criássemos guetos diferenciados.

[...] É a mesma coisa que pegar uma vara de bambu, uma vara de bambu tu quebras, mas se tu pegares 20 varas de bambu tu não quebras mais.

Filipe:

O Tainha era um pé no saco para não dizer uma palavra mais pejorativa, mas ele é que recebia os alunos entrantes, então o cara que não tinha disciplina militar, o cara que não sabe a ordem unida, então ele era um rígido. Ele era um sargento mesmo. [...] Eu não gostava do Tainha porque ele é muito gritão, sabe, ele gritava demais. [...] eu achava um cara assim extremamente autoritário, estou te dizendo o lado negativo né, eu achava que extrapolava a demanda dele como sargento, extrapolava, ou ele queria afinar a turma, para a turma chegar para frente e continuar. Não sei se era o vestibular para ver se vai para o resto dos anos. Ele era muito gritão. Então eu não gostava disso, eu ficava aturdido, [...] E eu acho que a gente estava em formação ainda, dez é guri, criança, então nós caímos assim numa coisa muito forte, eu acredito nisso, eu acredito que foi uma coisa forte.

[...] Eu tive vários pegas com Capitão Galeano, um cara assim, horripilante, [...] Ele era psicólogo, não sei se tu se lembras, que ele era psicólogo, que fumava bastante dentro da aula, o cara extremamente nervoso, e tinha eu tinha vários pegas com ele em matemática. E aí Ernesto? Era uma perseguição. Me falaram disso, que ele foi encostado no Colégio Militar de Porto Alegre porque ele andou fazendo algumas coisas lá para cima, então ele tinha esse mesmo estilo na aula com os alunos, e ele era um militar e ele era Capitão. Eu senti muito isso aí sabes, psicologicamente eu estudava duas vezes, 4 vezes Matemática que eu sabia se eu resvasse ele me execrava, isso foi marcante para mim dentro do Colégio Militar, como disciplina negativa. Eu tinha medo do professor, eu não estava ali para aprender. Eu não estava ali para aprender, eu tinha que saber para não me dar mal em relação ao professor. Foi a única coisa que eu senti na minha pessoa contra essa pessoa.

[...] Eu vi um cara que era interno, o Neto. Não sei se tu te lembras dele. O cara fugiu do alojamento para ver o conjunto Impacto ele gostava da Ana Mazzotti. Tu sabes quanto o major Ferreira deu de detenção para ele? Um ano de detenção para ele e levava o travesseiro para sala de estudo obrigatório. O Neto ficou um ano detido. Foi o major Ferreira que colocou ele. Então essas coisas da nossa adolescência e juventude marcou, porque era um cara que dizia tu vais para lá, tu vais para cá, tu não vais ali, entende, ele determinava muita coisa, [...]

Tomé:

Cara na inocência da gente, [...] a gente não tinha a menor noção de politicamente correto. Ninguém nunca falou sobre isso. O colégio começou com psicóloga muito tempo depois.

[...] Tinha muito colega que, a calça muito justa já era motivo para a gente brincar com ele até explodir [...]

[...] o CFR é um bullying. A gente se entra no CFR e é chamado de mocosongo, de porco, os caras nos botavam num burquinho com água e lama, água podre, cabiam dois caras e botavam 5 ali, a gente ficava girando dentro daquele troço, com água podre [...]

Com relação específica ao bullying para os homossexuais há divergência quanto ao apresentado pelos alunos:

Tiago:

Nós tínhamos pelo menos dois colegas que tinham traços[...] que eram homossexuais e que aí certamente o ambiente do Colégio Militar não era o mais, não é o mais indicado, mas não era o mais favorável, especialmente naquela época, então sofria, bullying também, com os nomes mais variados que a gente pode imaginar. Então tinha sim.

Pedro:

No colégio nós tínhamos colegas, que hoje nós sabemos que são homossexuais, e que na época, eu achava e acho que muitos colegas achavam que tinham um comportamento afetado, mas eu não me lembro deles serem, sofrerem por causa disso, eu não consigo entender muito bem porque, porque eles eram realmente afetados até no jeito de caminhar, de correr, às vezes eu acho que eles ouviam brincadeiras, eu acho, que eu me lembro, tenho alguma lembrança leve, de ouvir, mas eu não me lembro deles serem, por exemplo, passarem a mão neles, tentaram abusar deles, ou alguma brincadeira muito, eu me lembro deles serem alvo de eventual chacota na educação física, por exemplo: olha o jeito que ele corre! Olha o jeito que ele corre! Eles não jogavam futebol, coisas deste gênero, mas é curioso porque eles não foram, eu não me lembro deles serem denunciados, de eles serem ofendidos: tu és bixa, sei lá o que, vou te pegar. Isso eu não me lembro, mas eles eram, era um pequeno grupo, mas eu não me lembro deles serem, de sofrerem, de serem excluídos dentro da turma, tanto que eles andavam conosco, e nós não fazíamos diferença.

Mas um caso realmente grave foi relatado pelos alunos. Trata-se de assédio sexual praticado por um Coronel. O entrevistado relata que no último ano do colégio ficou em segunda época em uma disciplina, por uma pontuação insignificante. Como esta prova era após a realização dos concursos vestibulares, o aluno resolveu ir conversar com o coordenador da disciplina para ver se conseguia resolver o seu problema. Neste momento houve a situação do assédio sexual, que posteriormente verificou-se que não teria sido um caso isolado.

Pedro:

Eu ouvi histórias de assédio, de assédio. Isso são comentários correntes até hoje quando há encontros de ex-colegas, mas ouvi notícias de assédio de militares sobre alunos, de oficial.

[...] Eu acho que não era professor, era, não me lembro. Mas eu vou dizer o nome, porque tu depois não vais dizer, professor [...],

[...] Até hoje se comenta isso, sobre assédio sexual. Eu não sei se foi o único, mas, eu não fui o alvo, mas até hoje nós comentamos quando nos encontramos e comentamos sobre este caso específico.

Tomé:

Tudo isso aconteceu no último ano, no terceiro ano, em 79. Tudo gente grande, 17 para 18, todo mundo, ninguém era criança.

[...] Aí eu fui lá. [...] Aí sentamos na mesa dele. “Então Tomé”, poxa, “que pena né”, e começou com essa conversinha mole. “Claro que a gente consegue acertar isso, mas para isso tem que ter compensação, tu vê... tu tens que me olhar como...”, eu me lembro que ele deu uma enrolada no assunto. Ele disse: “tu tocas teu pai?” Toco meu pai? O que seria tocar meu? “Teu pai pelado, passa e pega no pau do teu pai”. Não! Eu nem sei se meu pai é pelado... Se disser que meu pai tem pinto eu vou ter que acreditar, porque eu nunca vi e nunca fui olhar. Então ele: “tem que olhar para a gente como se fosse o teu pai, como se a gente tivesse intimidade”. Aí levantou, e ficou do meu lado. Meu Deus do céu, o que que eu vou fazer, eu vou bater no coronel, ou vou enlouquecer, nunca ninguém vai acreditar em mim. Então eu disse, então tá coronel, está bom, eu acho que está justo, a gente pode fazer isso, mas outro dia, você me pegou de surpresa... Cara, nós marcamos outro dia, ele disse está bom.

[...] Mas quando ele levantou, eu disse, caralho, o que que eu vou fazer, vou dar vou levantar e dar uma porrada nele. Que tipo de atitude eu vou ter? Não, coronel, acho que não tem problema não, só que você me pegou de surpresa, deixa eu refletir um pouco mais. Levou uma hora isso, talvez um pouco mais. E ele preparando, “tens que me olhar como um cara da família, um cara da família não tem problema, um toca o outro, se abraça. Qual é o problema em se abraçar?” Então, é..., pode ser... Então quando ele levantou e ficou do meu lado, ele pediu para levantar. Eu levantei e ele me abraçou, então pode ficar abraçado... Eu disse, coronel está muito calor, não estou muito confortável com isso. “Tu tens que relaxar, não esquenta a cabeça, não fica te prendendo”, como é que ele usava, não fica te prendendo, não era dogmas, mas ele usou um termo[...] não te preocupas com isso. Não! Não estou muito confortável com isso, não está funcionando muito bem. Vamos sentar de novo e vamos trocar ideia...

[...] Quando ele levantou, como é que eu saio dessa? Até então uma conversa trouxa, foi tentando... Coronel, eu não faço isso em casa, seu meu pai fizesse isso, eu ia ficar muito maluco com meu pai. Daí ele vinha com a ideia, “tu tens que olhar isso como uma coisa natural,

qual é o problema? O que que significaria tu pegar no meu pau?” Significaria que não é o que eu gosto de fazer, não sei né, eu teria que ter namorado homem para ser assim, e tal, gostar.

[...] Cara, na hora que ele levantou, eu me lembro do frio na barriga, caralho velho, se esse velho tirar a roupa, o que que eu vou fazer Como que age? Se dar um pau nele sem roupa, tem que chamar alguém para olhar na hora, porque que ele está assim.

[...] Eu não percebi essa ideia de, eu quero te dar, me come aí ou quero te comer. Não foi tão explícito. [...] Não sei, na verdade não sei qual era a intenção dele se uma ou a outra. Não dá para saber, que doído, mas foi esse o evento, eu sei que mais gente teve, mas quem são?

[...] Aí na outra vez eu vim, eu e a minha mãe. Eu sentei e disse: esta aqui é a minha mãe, eu gostaria que o senhor contasse para ela o que que o senhor pediu, pois eu contei quando cheguei em casa. Mãe, cheguei lá e o cara queria que eu pegasse no pau dele. “O que! Mas quem é? Volta aqui!” “Não, mas ele entendeu tudo errado, não era nada disso”, eu tentei criar um ambiente, não era intimidade, ele usou um termo soft, um ambiente normal para a gente conversar, “não inclusive a nota dele já está aqui, eu já passei”.

[...] No primeiro evento começou essa piadinha do [...]. Pô ele está aí. Mas cara o que que tu sabes do [...]? Aí o Paulo assim para mim: “Tomé eu sei que tu foste lá”. Como é que tu sabes? Aí outro: “bom eu também fui”.

[...] Teve mais gente. Não sei como foram os outros eventos. Eu sei que ele tentou a mesma coisa com outros, mas porque, como, que situação que criou.

Vários se perguntam até hoje, como se pode verificar nas entrevistas como estas brincadeiras e contestações eram permitidas, não visualizadas ou reprimidas de maneira mais séria. Como poderiam estes fatos narrados anteriormente serem suportados por oficiais e sargentos, que tudo assistiam, ou pelo menos deveriam assistir, uma vez que cada turma tinha um sargento monitor e haviam vários oficiais e soldados circulando permanentemente no colégio.

André:

Se eu transgredi e não queria que eles soubessem, eu dizia que não, que não, que não, que quem errou foi o monitor, foi o sargento, foi o outro colega, que eu não sei quem é, porque eu não entrego, e aí o capitão, o tenente deixava passar, ou chamava os pais, e ficava por isso.

Tiago:

Enfim uma série de situações que a gente se divertiu muito, e eu não sei o que aconteceu na diretoria da escola, eu acho que eles foram deixando a coisa evoluir ao ponto que, até botar o controle de volta ficou muito difícil.

Assim, eu não diria que tinha uma diretriz específica, mais rígida ou menos rígida. Houve uma liberalidade que fez, que criou todo esse ambiente que essa turma fez, eu acho que na verdade isso foi sendo construído por nós mesmos na época, desafiando os limites e ao mesmo tempo conquistando espaço, vamos dizer assim, e claramente uma unidade que se formou ao longo desse convívio muito forte,

Talvez a resposta esteja em uma mudança de visão que estava acontecendo naquela época no Colégio Militar, e que fugiu ao entendimento dos alunos da turma de 79. No trabalho Meninas no Colégio Militar de Porto Alegre, apresentado por Patrícia Carra no IX ANPED - Sul verificamos uma mudança na visão da Diretoria de Ensino para o trato dos alunos. Os alunos deixam de ser vistos como pequenos soldados, como militares.

Se, durante a década de 60, os garotos eram vistos e tratados como pequenos soldados, [...] documentos produzidos pelo Sistema de Ensino do Exército mostram que esta não era a tônica nos anos 80²⁴. A narrativa de Raul, ex- aluno da década de 60 que vai trabalhar no Colégio durante a década de 80, ilustra esta consideração:

(...) Era, assim, os valores diferentes, é... um questionamento do aluno muito grande, que não tinha na minha época esse questionamento. Então, quando eu cheguei aqui, em 80, eles questionavam muito o cabelo, isto que o cabelo era 1! No meu tempo, o cabelo era zero. Três zeros! Tu passava a mão assim e nada! Já na época de 80 era... Era grande o questionamento. O cabelo, da disciplina, pra quê marchar, pra quê fazer continência? Tudo isso. Tinha aluno da Legião que andava com bandeirinha do PT embaixo da gola da camisa. Então para mim foi uma mudança muito grande. (...) Quando eu cheguei aqui o Coronel (...) me disse: Olha Raul, o aluno não é soldado. (...) Ele não é um militar. Entendeu? Apesar de todo sistema militar, ele não é. (...).

Um relato pessoal do autor, que demonstra esta mudança de orientação estava relacionado à prática dos exercícios de educação física. Até um determinado momento havia um instrutor que demonstrava os exercícios que eram para ser praticados e os alunos faziam várias repetições de cada exercício, geralmente até o esgotamento. A partir de um

²⁴ Na década de 80, a visão da Diretoria de Ensino para o trato dos alunos pregava um tratamento e visão diferente do discente em comparação com os parâmetros previstos para o estudante, das décadas de 60 e 70, e as garotas chegaram após o início dessa nova diretriz. Então não podemos atribuir, unicamente e sem maiores reflexões, ao ingresso feminino no corpo discente qualquer suavização no modo de ver e tratar o estudante do CMPA a partir de 1989

determinado momento houve uma ordem para que os exercícios fossem tantos quantos o instrutor fizesse juntamente com os alunos. Nós achamos o máximo pois haviam instrutores com pouca capacidade física. Porém, como forma de burlarem uma orientação direta, os instrutores se dividiam, em geral eram quatro, e os alunos tinham que praticar a mesma série de exercícios quatro vezes, uma com cada instrutor. O que demonstra que o processo de transição demora para ser internalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, verificamos que ao longo dos anos 70 alguns alunos do Colégio Militar de Porto Alegre - nove declaradamente, conforme consta na Revista *Hyloea* - 79, foram se unindo e se articulando até culminar, no ano de 1979, na criação formal de um grupo que se auto denominou Legião da Desonra. Este grupo foi formado em decorrência de uma série de razões. Poderíamos dizer que em virtude de serem pessoas de pequena estatura (eles eram baixinhos) e de sofrerem bullying de outros colegas, chegaram à conclusão de que unidos poderiam atuar com mais resistência. Segundo um dos relatos: “É a mesma coisa que pegar uma vara de bambu, uma vara de bambu tu quebras, mas se tu pegares 20 varas de bambu tu não quebras mais.” Além desta característica de autoproteção, havia também a necessidade de mostrar aos colegas, que apesar de serem pequenos eles tinham também uma grande capacidade de organização, e que tinham inteligência suficiente para fazer frente aos demais grupos e a rígida disciplina que era uma das características do Colégio Militar. Como estavam inseridos em uma instituição militar, desde o 4º ano do ensino primário, eles também se estruturaram como uma organização dotada de hierarquia (Presidente, Diretor de Esportes, Diretor Cultural, Relações Públicas, Sócio Fundador ou simplesmente membros). Mas além do bullying inicial exercido pelos colegas mais velhos, eles se sentiam em estado de bullying para além do colégio, em função de terem de cortar o cabelo de maneira muito curta, numa época em que estava na moda ter cabelo muito cumprido, e de terem de utilizar um uniforme que aparentava-se com o dos antigos vendedores de balas nos cinema, razão do apelido de “baleiros”.

O processo de formação deste grupo, de certa maneira foi estimulado pelo próprio Colégio, conforme apresentado por Foucault, que cita que o fato de estigmatizar e de reprimir por meio de procedimentos institucionalmente legitimados e/ou legalmente previstos, incita as práticas que se quer eliminar ou combater. Estes alunos eram crianças inteligentes e criativas, e que sofriam um processo natural de exclusão (que hoje se denomina bullying). O Colégio, apesar de dispor de um Serviço de Orientação Educacional, este não intervinha nos processos de punição dos alunos. Estes alunos, em decorrência deste processo de exclusão, e em função de sua capacidade criativa começam a criar situações passíveis de punição por parte dos monitores das turmas. Mas a punição era somente pela punição, não havia qualquer apoio de orientação pedagógica. Desta maneira, estes alunos que atuavam individualmente, com o passar do tempo, ao ficarem sozinhos em uma sala de aula em detenção, para teoricamente estudar, unem-se e começam a se articular e a praticar brincadeiras, que de maneira individual

não seriam possíveis de serem realizadas. Apesar de toda a vigilância, estes alunos tinham a capacidade de atuar sem serem vistos, uma vez que organizados conseguiam praticar suas estripulias sem serem pegos.

Outra razão que propiciou a criação deste grupo foi o longo período em que permaneceram juntos no Colégio Militar. Estes alunos ingressaram no 4º ano primário e estudaram até o 3º ano do segundo grau, portanto durante nove anos, houve uma convivência diuturna, mesmo estudando em salas diferentes, em decorrência do processo de exclusão anteriormente referido, além é claro, dos laços que foram desenvolvidos ao longo dos anos.

Este grupo tinha também como característica uma resistência ao excesso de disciplina, uma contrariedade às determinações sem fundamentações ou bom senso, e ao abuso de autoridade por parte dos responsáveis pela Escola, ou até mesmo por parte de prestadores de serviços. Daí resultou uma série de atitudes tais como prender um professor em sala de aula, pois este utilizava o tempo do recreio dando aula, criar situações embaraçosas para professores que eram muito rígidos, fazer greve em decorrência de aumento do preço da bala Jujuba, jogar bexiguinha no responsável pela disciplina escolar (Comandante do Corpo de Alunos).

Além disto, era um grupo muito jocoso. Suas brincadeiras, e algumas atitudes que podem ser consideradas como muito sérias, já estavam famosas em todo o Colégio, e os alunos sempre estavam esperando por novas atitudes. O fato de não cortarem o cabelo, de usarem seus uniformes de maneira desleixada, de fazerem batalhas de bexiguinhas, de jogarem bombinhas de fedor, de colarem nas provas, de estourarem bombinhas nos banheiros e nos horários de formatura, de trocarem a cadência dos desfiles, ora aumentando ora reduzindo a velocidade da marcha, e até mesmo de roubarem objetos de exposições e de atear fogo em jornais da biblioteca demonstram algum grau de enfrentamento ao sistema disciplinar.

Estes alunos, apesar de todas estas manifestações de enfrentamento, não tinham a intenção de fazer qualquer questionamento ao momento político ou ao regime militar que estava implantado no País. Em sua grande maioria estes alunos nem haviam se apercebido do que ocorria fora das arcadas do Colégio Militar. Alguns inclusive manifestaram admiração pelo sistema militar em que estavam inseridos.

Outro fato relevante era o afrontamento que havia entre a Legião da Desonra e a Legião de Honra. Estes de maneira geral não eram bem vistos pelos primeiros e as ponderações apresentadas indicam que existia razão para tanto, sendo a Legião de Honra extinta na década dos anos 80.

Um ponto sério apresentado pelos entrevistados era a questão do bullying. Como este conceito não existia havia dificuldade para estabelecer um limite para o que era disciplina e o que era o abuso de autoridade. Havia bullying entre os alunos, bullying praticado por professores, oficiais e por monitores e, por conseguinte havia uma reação a estas atitudes, conforme acima apresentado. Mas o ponto mais grave que foi apresentado no trabalho foi a questão de assédio sexual praticado por um Coronel sobre um aluno que estava concluindo a escola. O relato não deixa dúvida sobre as intenções demonstradas.

Por fim, tentamos entender como em uma instituição militar, onde tudo era visto e controlado, foi possível que estas “brincadeiras” viessem a ocorrer. É claro que pela visão dos alunos isto estava relacionado com a inteligência dos integrantes do grupo, com sua capacidade de organização e de mobilização. Todavia, havia um movimento que não foi percebido pelos alunos. Uma mudança de orientação por parte da Diretoria de Ensino, na qual os estudantes do Colégio Militar deixaram de ser considerados como militares e passaram a ser vistos como alunos, num processo que somente foi formalizado a partir da década de 80. Isto talvez venha a explicar como algumas destas atitudes puderam ser suportadas. Mas é claro, que havia muito da expertise por parte dos alunos, pois alguns destes enfrentamentos, não seriam tolerados nem em uma escola civil.

Desta forma, entendemos que este trabalho conseguiu responder ao questionamento inicialmente apresentado. Apesar de toda a disciplina, e de todo o rigor que era utilizado para manter-se o regimento estabelecido, havia brechas, que alguns alunos utilizavam para extravasar ou demonstrar seus descontentamentos e contrariedades àquilo que consideravam como excesso de disciplinar.

Para encerrar, repetimos que o presente trabalho não tem por objetivo desacreditar a imagem do Colégio Militar de Porto Alegre, uma vez conheço muito bem as suas virtudes e qualidades, mas de mostrar questões relacionadas à indisciplina e ao excesso de disciplina que neste período de análise já estava em processo de transição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. 2.ed., 1ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008.
- ALBERTI, Verena. **História Oral a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: **Indisciplina na Escola. Alternativas teóricas e práticas**, organizado por Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1996.
- CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. **O Casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS. – Porto Alegre, 2008.
- CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. **Baleiros e baleiras no velho casarão: co-educação ou escola mista no Colégio Militar de Porto Alegre? (RS - 1989 a 2013)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS. – Porto Alegre, 2014.
- ELISABETH Sumbercki Weiss. **A importância da disciplina na aprendizagem de L2 no Colégio Militar de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro Universitário Ritter dos Reis. – Porto Alegre, 2016.
- GUIRADO, Marlene. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: **Indisciplina na Escola. Alternativas teóricas e práticas**, organizado por Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1996.
- HYLOEA**: revista dos formandos do Colégio Militar de Porto Alegre. Porto Alegre, ano 1976, 96 páginas.
- HYLOEA**. revista dos formandos do Colégio Militar de Porto Alegre. Porto Alegre, ano 1979, 88 páginas.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).
- LEVI, SCHMITT, (org) **História dos jovens 2 – Época Contemporânea**. Cia das Letras.
- PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)**. São Leopoldo, 2014.

SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, IX, 2012, Caxias do Sul. **CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto**. Meninas no Colégio Militar de Porto Alegre.

TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: **Indisciplina na Escola. Alternativas teóricas e práticas**, organizado por Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1996.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991 [1977].

ANEXO A - LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015**LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015**

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no caput poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (cyberbullying), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV - social: ignorar, isolar e excluir;

V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no caput do art. 1º:

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou

constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (bullying) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF

Luiz Cláudio Costa

Nilma Lino Gomes

ANEXO B - FOTOS CENSURADAS NA REVISTA HYLOEA – 79



Figura 1: Imagem Censurada Padrão

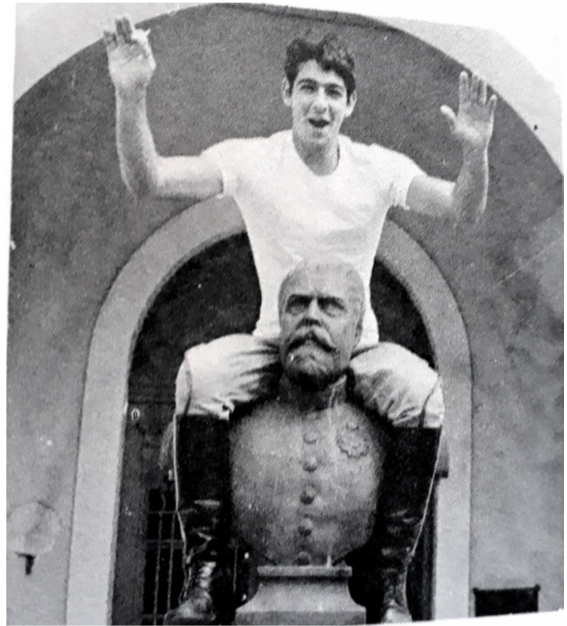


Figura 2: Aluno Geraldo Moraes de Souza,
p. 59

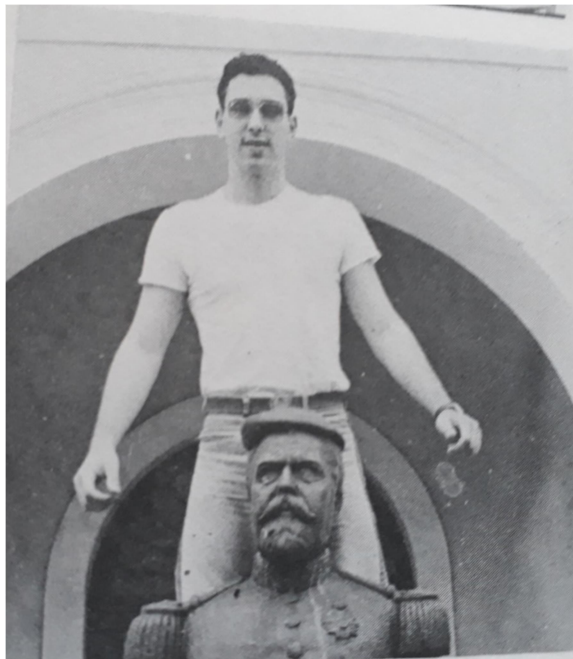


Figura 3: Aluno José Ricardo Contieri, p. 67

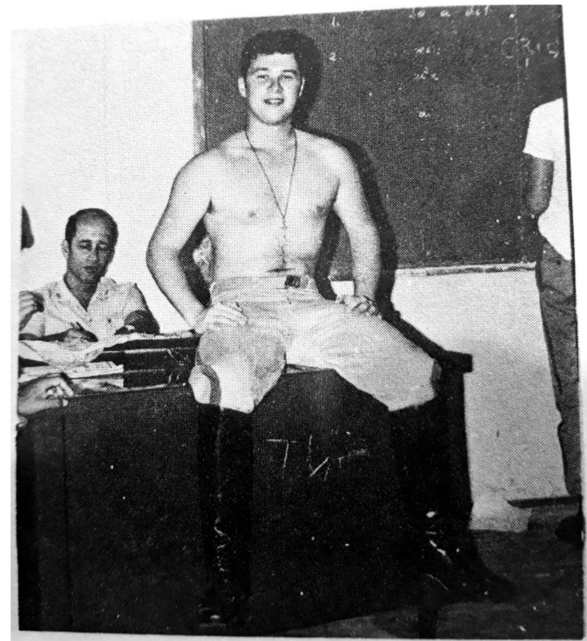


Figura 4: Aluno Luiz Augusto Cristóvão,
p.71



Figura 5: Aluno Nelson de Lorenzi Campelo,
p. 76



Figura 6: Aluno Paulo Renato Krug
Santos, p.77

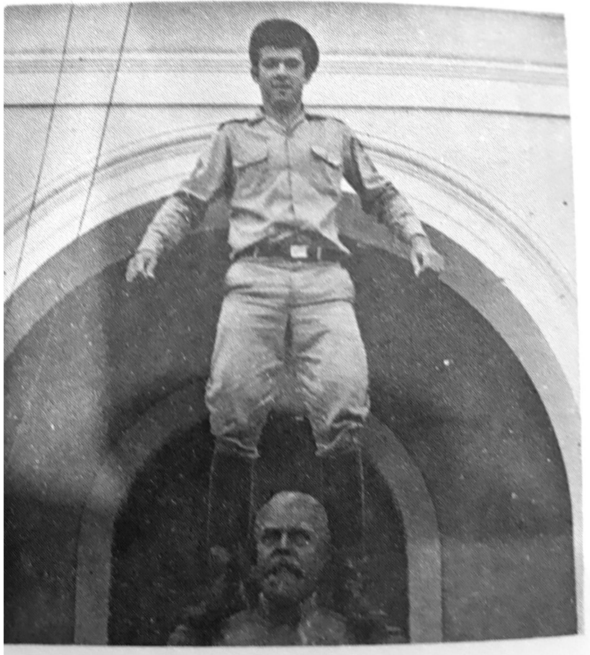


Figura 7: Aluno Rogério Saraiva Castanho, p.
82



Figura 8: Aluno Wladimir Bezerra
Demarco, p.86